ELOISA JAMES

AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES



VOCÊ NÃO PODE MANTER O AMOR EM SEGREDO NA REGÊNCIA INGLESA.

UMA PERFEITA *inglesa*

Sinopse

Gilbert Baring-Gould, Conde de Kerr, comprometido desde criança, com a Honorável Emma Loudan, não é exatamente o que alguém chamaria um bom partido. Toda a alta sociedade conhece-lhe por ser um completo libertino, o marido menos indicado para uma dama.

Quando escandaliza a todos anunciando que não se casará com Emma até que ela esteja esperando um filho seu (ou disse que já o estava?), os rumores aumentam.

Era evidente que Emma deveria devolver imediatamente o anel de compromisso a esse diabo. Mas a curiosidade e um forte desejo de ensinar boas maneiras a seu descarado prometido, exigem que lhe vença em seu próprio jogo.

E o faz.

Capítulo Um

Quando uma citação de Shakespeare
Insulta aos aborrecidos e horroriza os prudentes

15 Março de 1817

Lady Cecília Petworth a sua irmã, a Condessa de Bredelbane:

Minha querida irmã, pego a pluma embora quase seja a alvorada, porque sei que te entristecerá muito quando lhe chegarem às notícias da festa desta noite em Sandleford House. Kerr montou um verdadeiro espetáculo, e, embora isso não seja nenhuma novidade (como já comentamos anteriormente, seu afilhado dá uma nova definição à palavra vadiagem), ontem à noite sua libertinagem alcançou novas alturas. Para horror de todos, acompanhou-lhe uma atriz francesa à reunião de lady Sandleford. Brincando como sempre, Lorde Dressel se aproximou do casal e perguntou a Kerr se já tinha marcado uma data para suas bodas. Kerr simplesmente rodeou com o braço a sua ave do paraíso (para ser mais exatos não era melhor que uma delas) e arrastando as palavras com a mais insuportável vulgaridade disse algo como: não antes que leve meu filho no ventre e meu anel no dedo. Naturalmente lady Sandleford se sentiu muito insultada por um comportamento tão impróprio sob seu teto, e estou segura de que o assunto corre como um rastro de pólvora... É de agradecer que a mãe de Kerr não possa vê-lo. Amanhã voltarei a te escrever, mas querida, acredito que chegou o momento de plantar-se e fazer com que seu ignorante adotado se case com essa pobre moça… como se chama? É muito tarde para um velho cérebro como o meu. Pela manhã voltarei a te escrever. Que cabeça a minha! Tua com todo meu afeto, Cecília, lady Petworth.

15 de Março de 1817

A Condessa de Bredelbane a seu afilhado, Gilbert Baring-Gould, Conde de Kerr.

Kerr recebi uma dolorosa notícia de minha irmã quanto a suas maneiras; melhor dizendo sua carência; ao assistir à festa de lady Sandleford. Que necessidade tinha de deixar seus

lugares habituais preferidos para ir às reuniões de meus amigos? A pobre Cecília certamente não reconheceu a procedência de sua inadequada resposta a Dressel; Shakespeare nunca foi seu forte. O mínimo que poderia ter feito era marcar um encontro com sua prometida e pôr um pequeno anel ao redor de seu dedo antes de mencionar o bebê. Certamente sua prometida se horrorizará ao saber que sua gravidez (sem nem sequer sabê-lo) está na boca de toda Londres. Exijo-te que te apresse em voltar e que te case com Emma imediatamente, preferentemente com uma licença especial. Espero saber que foste a Saint Albans amanhã pela manhã sem mais demora.

Tua com todo meu afeto, Condessa de Bredelbane.

16 de Março de 1817

Mrs. Broughton a Hon. Emma Loudan, Saint Albans, Hertfordshire

Querida senhorita Loudan,

Não estou segura de que se lembre de mim posto que só nos conhecemos brevemente na Academia para Damas da senhorita Proudfoot. Meu sobrenome de solteira era Laneham. Escrevo-lhe devido ao profundo respeito que sinto por você e por todas minhas companheiras de estudos em dita academia. O Conde de Kerr falou de você de tal modo à passada tarde que tive dificuldades para me conter. Para ser mais exatos disse que não se casaria com você dando a entender que estava grávida. Sei que a notícia será uma desagradável surpresa para você, tendo em conta o que supõe para sua reputação. Apresso-me a lhe dizer que ninguém lhe acreditou. Se fosse eu quem estivesse em seu lugar, e tão longe da cidade como você, teria gostado que alguém me falasse desse vergonhoso comentário.

Com a esperança de que não se zangue por meu aviso Mrs. Broughton

16 de março de 1817

A Condessa de Bredelbane ao Conde de Kerr

Kerr,

Quanto a minha nota desta manhã, acabo de receber uma carta de Mrs. Witter e de lady Home. Lady Home me diz que é um exemplo da depravação destes escandalosos tempos. Imagina minha consternação ao ver falar assim de meu afilhado. Quanto tempo faz que não vai a Saint Albans? Sei que passaste por tempos difíceis por causa da morte do Walter, mas

seu irmão não gostaria de saber que perdeste todo sentido da decência. Espero saber algo de suas bodas na próxima semana sem mais demora.

A Condessa etc.

17 de março de 1817

O Conde de Kerr à Condessa de Bredelbane *Minha querida e adorada madrinha.*

Não me é possível ir ao campo hoje para me casar com minha provinciana noiva; tenho que ir ver um cavalo. E também tenho um combate de esgrima. Vai ter que esperar. É certo que faz algum tempo que não vejo a senhorita Loudan, mas quando me conheceu em Saint Albans, pareceu-me bastante inteligente. Não dará muita importância aos rumores de minha degeneração quando lhe chegarem. Carinhosamente teu,

Gil

17 de março de 1817

Lady Dyott a sua prima, a Hon. Emma Loudan, Saint Albans, Hertfordshire

Queridíssima Emma

Esta será uma curta carta porque Dyott está me esperando. Vamos a Tattersall para escolher um pônei para o Garret, que a seus cinco anos já é muito bom cavaleiro, do qual estamos orgulhosos. Sabe o muito que me desgostam as fofocas, mas me informaram que Kerr disse em um salão cheio de gente que é muito velha para estar grávida; só quero te tranquilizar a esse respeito. Eu tinha quarenta anos quando nasceu Garret, e como você tem a metade dessa idade, não deve te inquietar por isso. Só tenho que pensar em sua natureza esportiva, e não tenho nenhuma preocupação por seu futuro. Agradeça a Deus por não estar casada com o Kerr, porque não é mais que um caipira irresponsável, e você merece algo melhor.

Venha a Londres e lhe encontraremos um marido apropriado

Com todo carinho

Sua prima Mary, Lady Dyott.

18 de março de 1817

A Condessa de Bredelbane ao Conde de Kerr

As notícias de sua espantosa brincadeira se estenderam por toda a cidade. Não me cabe nenhuma dúvida de que Emma ouviu todos os truculentos detalhes. Não pode refletir sobre seu dever, que é evidentemente, proporcionar um herdeiro ao título sem tardança?

A Condessa, etc.

18 de março de 1817

Gilbert Baring-Gould, Conde de Kerr, à Condessa de Bredelbane.

Queridíssima madrinha,

Casarei-me com a senhorita Loudan algum dia, mas não esta semana. E é obvio, não devido a uma brincadeira minha que reconheço de duvidoso gosto. Não acha que a alta sociedade se tornou alarmantemente analfabeta já que parece não reconhecer uma citação de Shakespeare? Não deveria me preocupar com a questão do herdeiro; tenho entendido que o ar do campo é extremamente saudável. Talvez na próxima década haja cinco ou seis pequenos Kerr.

Afetuosamente teu

Gil

19 de Março de 1817

Lady Flaskell a sua irmã, a Hon. Emma Loudan.

Querida,

Sofri um transtorno estomacal de modo que perdi as primeiras notícias sobre o Kerr. Querida, sinto-o muitíssimo. Mas, Emma, temos que atuar rapidamente, já que é óbvio que seu compromisso deve terminar. Já tem vinte e quatro anos e os prometidos, sobre tudo os que têm uma sólida fortuna e título, não crescem nas árvores. Esteve encerrada no campo muito tempo e não tem nem ideia do que acontece. Às mulheres são consideradas solteironas aos vinte. Deve vir a Londres imediatamente e encontrar um marido. Chegarei amanhã e espero te encontrar com as malas feitas.

Com carinho,

Sua irmã Bethany Lynn

19 de março de 1817

O Conde de Kerr a Mademoiselle Benoit

Madeline, Ma cherie,

Embora, naturalmente te adore e beije seus pés com verdadeira admiração, não seria prudente que te acompanhasse à ópera esta noite. Os Puritanos estão ganhando força. De fato, muito me temo que vou ter que renunciar ao prazer de sua companhia no futuro. Por favor, aceite este rubi como uma pequena demonstração de minha consideração por ti. Seu seras toujours dans mon coeur, même se seu Ne seras ps toujours avec moi.

Kerr

19 de março de 1817

A Condessa de Bredelbane ao Conde de Kerr:

Não posso te obrigar a cumprir de maneira honorável com os votos que seu pai fez em seu nome. Parece-me muito mal seu comportamento, lhe digo completamente a sério. Eu mesma escreverei a Emma e tentarei tranquilizá-la. Não tenho nenhuma dúvida de que ouviu quão mesmo eu: que tem a intenção de te casar com alguma francesa estúpida com aspirações a converter-se em uma dama. Se o fizer, Kerr, não volte a aparecer ante minha porta.

A Condessa de Bredalbane.

20 de Março de 1817

Gilbert Baring-Gould, Conde de Kerr, à Condessa de Bredalbane. *Tsk, tsk, queridíssima madrinha.*

Você, que tão bem conhece Shakespeare deveria evitar os clichês sobre aparições nas portas. Quando meu bom padrinho estava vivo, opôs-se alguma vez a sua afiada língua?

Quanto ao assunto que nos ocupa, meu coração se sente aliviado ao saber que vais tranquilizar a senhorita Loudan. Não deve preocupar-se por mademoiselle Benoit. Embora o acento francês seguirá sendo irresistível para mim, concedo-te que meu destino é uma

encantadora compatriota. Sei também, boa madrinha, que nunca desejarias que eu, seu querido adotado, fosse infeliz, de modo que me perdoará se deixo de pensar no matrimônio neste mesmo momento.

Teu, etc…

Gil

Capítulo Dois

21 de Março de 1817

A Condessa de Bredelbane a Gilbert Baring-Gould, Conde de Kerr

Sempre foi um menino insolente; nunca esquecerei o muito que me fez rir quando chegou a minha casa pela primeira vez, e havias perdido a seu pai tão somente um mês antes. De todos os modos, há uma aresta em suas brincadeiras que me preocupa. Como te atreve a dizer que será infeliz te casando com Emma? Certamente a pobre moça vai precisar ter coragem, já que seu estúpido comentário se interpretou tão terrivelmente mal. Surpreende-me que ainda não tenha anulado o compromisso.

Espere-me amanhã, depois do almoço.

Tua, etc.

A condessa

75 St. James's Place, Londres

– É uma vergonha para os de seu sexo – disse lorde Lockwood, esticando suas longas pernas e olhando com prazer as suas botas. – Prenda-te e abandone por completo seus costumes dissolutos, agora seu destino se abate sobre ti. Estou extraordinariamente contente de poder presenciá-lo.

– Não esteja tão condenadamente satisfeito – respondeu seu amigo. – Sua reputação é tão ruim como a minha. Foi você quem pensou que seria uma boa ideia levar Madeline e a sua amiga à casa dos Sandleford. Eu disse que seria uma chateação.

– Não foi aborrecido depois que fizesse a besteira de citar o bardo – indicou Lockwood. – Poderias pôr uma camisa, por favor? Verte os ombros me revolve o estômago. É tão musculoso como um barqueiro, Kerr. Acrescentaria que grotescamente passado de moda.

– É pelo boxe – respondeu o conde, impassível. Estava sentado em seu escritório vestido somente com umas calças negras. – Não te convidei para vir.

Tenho uma montanha de correspondência que ler e estou esperando a chegada de meu secretário a qualquer momento.

– Irei. Vais ser o bastante parvo para investir dinheiro no projeto do canal de Hensing?

– Não. Parece interessante, mas ele é um idiota.

– Suponho que é por isso que sua fortuna segue crescendo enquanto a minha encolhe – disse Lockwood. – Mas não acha que há uma possibilidade de que o consiga?

– É pouco provável – declarou Kerr sem lhe olhar, enquanto sua pluma arranhava o papel de cartas.

Mas Lockwood fez uma pausa ante a porta da estadia e se voltou, levado por uma insaciável curiosidade. Kerr tinha terminado de jogar areia na carta e estava agarrando outra folha de papel.

– Então vais casar-te? Para ser mais concreto, vais casar-te com Madeline Benoit como parece acreditar toda Londres?

Kerr estreitou seus olhos.

– Tem pior opinião de mim do que mereço.

Eram amigos desde Oxford, mas ainda assim, Lockwood estremeceu ligeiramente ao ver a expressão dos olhos de Kerr.

– Simplesmente pensei …

– Estou informado da aposta que fez no White´s. Vais perder esse dinheiro do mesmo modo que perderas qualquer quantidade que ponha no canal de Hensing. Cumprirei com minha obrigação com a senhorita Loudan – disse Kerr, voltando para sua carta como se não tivesse o mais remoto interesse na conversa.

Uma extensão de sorriso cruzou o rosto de Lockwood. Kerr ergueu a vista e franziu o cenho.

– Porque sorrir com tanta satisfação?

– Acaba de me compensar pelo canal de Hensing. Apostei no White´s que te casaria com mademoiselle Benoit, mas só foi para que Etheredge tivesse coragem para aceitar a aposta contrária… que honrarias seu compromisso.

– Etheredge deve ter pensado que estava bêbado – observou Kerr– por que demônios apostou no White´s em vez de apostar diretamente com ele?

– Parece-me que não se deu conta de que a aposta no White´s era por um ou dois xelins. Apostou quatrocentas libras que se casarias com mademoiselle, pensando que eu também era tão parvo como para não recordar minha própria opinião.

Kerr soprou.

– Vemo-nos na senhorita Bridget esta noite?

A senhorita Bridget era uma francesa que gerenciava uma casa, não exatamente de má reputação, mas condenadamente perto de sê-lo, segundo Lockwood.

– Vejo que sua afeição pelas francesas é parecida com a dos ingleses pela comida: melhor quantidade que qualidade – comentou.

Kerr sorriu apenas.

– Pensei que à alta sociedade se distrairia ao me ver com uma mulher diferente de Madeline. Levaremos a uma das jovens amigas da senhorita Bridget à ópera. Lockwood riu.

– Será como colocar à raposa no galinheiro.

Kerr voltou para seus papéis.

– Parecido.

Capítulo Três

22 de março de 1817

Sra. Broughton a Hon. Emma Loudan, Saint Albans, Hertfordshire

Querida senhorita Loudan,

Muito obrigado por sua amável resposta a minha carta; posso lhe assegurar que vacilei antes de agarrar a pluma. Odiaria que pensasse que sou uma fofoqueira ou algo similar, e a compadeço por sua difícil situação.

Considero uma honra, e não um prazer proporcionar-lhe as notícias que podem lhe interessar. Assim, apresso-me a tranquilizá-la lhe dizendo que já não se acredita que o conde de Kerr tenha intenções de casar-se com mademoiselle Benoit. Ontem à noite ele e alguns amigos apareceram no Royal Opera House acompanhados de um grupo de jovens francesas. Todo mundo pôde notar que Kerr dedicou uma particular atenção a uma delas, e já que não pode ser considerada apta para o matrimônio, o acordo geral é que seu prometido tem especial afeição pelas mulheres de origem gaulesa.

Este é um tema do mais impróprio, e me sinto envergonhada de chamar a atenção de uma mulher solteira sobre ele. Mas minha lealdade à Escola da senhorita Proudfoot supera meus escrúpulos.

Sua com toda minha avaliação,

Sra. Broughton

Emma Loudan, filha do Visconde Howitt, estava pintando abelhas, uma atrás da outra, minuciosamente. Abelhas, pensou para si, são uns insetos nada inspiradores: depois que alguém pinta um redondo corpo amarelo e logo outro, já aprendeu tudo o que deve saber sobre pintar abelhas. Mas não havia escapamento possível: Titania e suas abelhas se mencionavam no *Sonho de uma Noite do verão*, de modo que o senhor Tey tinha decidido que todos os panos de fundo deviam levar abelhas, e não importava o que os espectadores pudessem pensar dos insetos sobrevoando as calêndulas.

Emma suspirou e molhou o pincel na tinta amarela.

Acabava de dar o último toque em uma das três colmeias quando se abriu a porta.

– Lady Flaskell – anunciou Wilson, o mordomo.

Emma deixou o pincel justo quando Bethany cruzava a sala e lançava os braços ao redor de Emma.

– Cuidado! – Disse rindo– vais te manchar de tinta.

– Não importa. Só levo uns trapos de viagem.

Emma afastou um pouco a sua irmã mais nova e a contemplou, das fitas de cor açafrão de seu precioso chapéu até a ponta de suas sapatilhas de seda.

– Os trapos têm melhor aspecto a cada momento – observou, desatando o volumoso avental.

Os olhos de Bethany se entrecerraram.

– Esse vestido deve ser uma criação de madame Maisonnat! – exclamou– A duquesa de Silverton usava um exatamente igual, de cor verde salvia, a semana passada. Todo mundo falou dele. Como diabos conseguiste um, aqui, no campo e sem necessidade de ir à cidade?

– Tenho meus meios – disse Emma, colocando uma mecha solta detrás da orelha.

– Quais são? – quis saber Betahny– Poderia me pôr diante da porta de madame, pedindo, suplicando e gritando, e estou completamente segura de que atenderia qualquer solicitude antes que a minha.

Emma deu uma olhada a seu vestido. Estava desenhado a *La Militaire*, em popelina cor âmbar com uma fileira de botões de cor granada no sutiã. Amoldava-se a suas curvas e parecia um general extremamente feminino. Sorriu a sua irmã mais nova.

– Não é nenhum mistério. Madame sabe minhas medidas e simplesmente me envia os vestidos que acredita que podem me agradar.

– Antes das outras? – perguntou Bethany estreitando os olhos.

Emma sorriu de orelha a orelha.

– Também lhe pago aproximadamente duas vezes o preço normal, pelo

inconveniente. Devo me vestir bem para me manter alegre aqui, no campo.

– Tolices! Poderia haver te reunido comigo em Londres a qualquer momento que tivesse querido. Faz mais de um ano que mamãe morreu. A verdade é que você gosta de estar enclausurada em Saint Albansm Emma – Bethany assinalou a pintura e os enxames de abelhas– Como pode preferir descansar no condado e pintar? Isso são insetos?

– Abelhas. Evidentemente.

– Isso confirma o que digo. Pintar insetos vestida com a última criação de madame Maisonnat! Perdeste a cabeça.

Visto assim, Emma podia entender o que a outra queria dizer.

– Eu gosto de pintar – disse.

– Isso não vem ao caso – respondeu Bethany– Por uma vez você tem que levar as coisas a sério, Emma. Está em apuros – suspirou inchando muito o peito. –

Corre o risco de te converter em uma solteirona!

– Fui-o durante vinte e quatro anos – observou Emma abrindo a porta– Vamos ao salão da manhã para tomar um chá? Deve estar casada depois da viagem.

Bethany saiu pela porta e percorreu o corredor, falando sem parar e sem prestar atenção à presença do mordomo e de dois lacaios. Terminou de falar quando entrou na salinha dizendo:

– O fato é que as solteironas estão terrivelmente passadas de moda. Supondo que alguma vez o estiveram.

– Wilson, traz-nos uma bandeja de chá? – pediu Emma ao mordomo.

– Imediatamente, senhorita Loudan – respondeu ele, fazendo uma reverência enquanto saía da salinha.

– Verdadeiramente, não deveria falar assim diante do Wilson – disse Emma colocando-se ao lado da chaminé.

Bethany se deixou cair no sofá e revirou sua bolsinha.

– Recortei uma crônica da sociedade que deve ler… Ah, aqui está! – Agitou uma parte de um jornal no ar. – De *La Belle Monde*, e diz muito claramente que

não há nada pior para uma mulher que não tem marido. Escuta isto: Embora sejam uma beleza, esperam convites que nunca chegam. Quando são convidadas, ocasionalmente são vistas vagando pelas laterais do salão de baile como corvos tristes sob a chuva. É horrível, Emma! Não te assenta bem o negro.

Emma começava a sentir-se irritada.

– Tenho um prometido – disse serenamente. – Só por que Kerr ainda não apareceu para submeter-se ao ritual matrimonial, não quer dizer que não o vá fazer em um futuro próximo. E, além disso, rechaço firmemente todas as tolices que diz esse artigo. Se o desejasse poderia encontrar outro marido em cinco minutos.

– Quanto tempo faz que Kerr a visitou? – Quis saber Bethany.

Emma vacilou.

Bethany respondeu por ela.

– Veio no Natal passado. Não! Veio faz dois Natais, mas logo viajou ao

Continente quando seu irmão morreu. E antes disto… – Se deteve, tratando de recordar.

– Faz três anos – disse Emma ligeiramente assombrada. Estava tão cômoda com sua vida tal como era que tinha esquecido a existência de seu prometido– Me alegrei tanto de não ter notícias suas durante a enfermidade de mamãe, que já não tinha nenhum desejo de abandoná-la, que não levei em conta. De todos os modos, sabe que esteve de luto por seu irmão.

– Luto! – exclamou Bethany– Pelo que dizem foi a Paris e desfrutou tanto que disputou ao menos dois duelos com maridos ultrajados. E a única razão pela qual não lhe desafiaram mais vezes foi por que é perito com a espada. Comentou com o Príncipe de Gales, diante de um montão de gente, que tinha bebido tanto vinho todas as noites que embora tivesse tido um assunto com a própria Imperatriz Josefina, seria incapaz de recordá-lo.

Emma riu.

– Deve ter bebido uma formidável quantidade de vinho para alcançar tal estado.

Bethany a olhou franzindo o cenho.

– Um desgraçado! Esse homem é um desgraçado! Você é uma desgraçada por permitir que se comporte assim! Nem sequer veio até aqui para te pedir desculpas por esses comentários da semana passada verdade? O muito grosseiro! É evidente que Kerr já te vê como um triste corvo em um canto do salão de baile.

– Bethany, a verdade é que mal nos conhecemos. Duvido que tenhamos nos visto mais de três vezes. Bom, quatro, se contas o enterro de seu irmão. Possivelmente esteja ressentido com seu pai por lhe arrumar um matrimônio com uma menina.

Bethany soprou.

– Não deveria ser tão estúpido. É um matrimônio perfeito, e não há nada que o impeça exceto seu caráter tímido e sua tranquila aceitação de sua negligência.

O temperamento de Emma se acendeu.

– E o que sugere exatamente que deveria ter feito? Passei três anos cuidando de mamãe, como sabe muito bem. Quando morreu deveria ter corrido a Londres procurando desesperadamente esse homem como um menino faminto em busca de comida?

– Certamente – disse Bethany. – As mulheres precisam pensar no matrimônio, já que os homens não sentem nenhuma inclinação a fazê-lo. Que incentivos tem esse homem para ir ante o altar? Não necessita sua herança, é evidente que não sente nenhuma necessidade de ter um herdeiro, e está completamente ocupado paquerando com qualquer mulher que tenha acento francês e vida alegre!

– Asqueroso – disse Emma, apertando os lábios.

– Todos os homens são asquerosos por natureza – disse Bethany fazendo um gesto depreciativo com a mão. – As mulheres só são desagradáveis se, se murcharem até a velhice sem um marido a seu lado.

– O matrimônio te tornou incompreensivelmente vulgar – observou Emma.

Bethany levantou o queixo.

– É meu dever como tua irmã chamar as coisas pelo seu nome. Chamar os bois pelo nome. Penso falar também com papai.

Emma riu secamente.

– Desejo-te sorte. Descobriu recentemente a existência de uma ave não voadora nas Ilhas Galápagos. Acredito que se chama casuario ou casutio ou algo assim. Mal sai de seu estudo exceto para tomar o café da manhã.

Sua irmã mais nova mordiscou o lábio durante um segundo. Depois disse:

– Não podemos discutir sobre este tema, Emma. É muito importante.

– Não estou preocupada com as bodas. Sempre tive fé em que Kerr cumpriria com os términos de nosso contrato. Não lhe conheço bem, mas juraria que é um homem de honra. De fato, acredito que está tentando me obrigar a romper o compromisso como uma espécie de saída honorável.

– A possibilidade de que Kerr anuncie ao final que tem intenções de casar-se, não importa. Sua grosseria fez com que seja necessário que procure um novo marido.

Não pode te casar com um homem que fala assim de ti e sem se desculpar.

Emma podia ver que sua irmã pequena estava muito preocupada.

– Não vou converter-me em uma solteirona – disse alegremente. – Não estou desesperada ainda sabe? – Sorriu olhando sua xícara de chá– Se o que buscas é uma demonstração de indignação, não vais encontrá-la. Não fui a Londres por aversão e não por medo da concorrência.

– Bom, já sei – disse Bethany olhando para sua irmã.

Emma não parecia mais velha em nenhum sentido. Nenhum corvo teria o cabelo da cor cobre e recolhido com um elegante laço do qual escapavam uns cachos que caíam sobre seus ombros delicados. Inclusive uma irmã mais nova podia dar-se conta de que seus olhos tinham uma inclinação sensual.

– É muito bonita e elegante para isso.

– Como te disse, não estou preocupada – disse Emma com um tom de impaciência. – Estou decepcionada que Kerr converteu a si mesmo em uma pessoa non grata, mas se for um desafio para que encontre outro marido na minha idade, melhor. Alguma vez careci de coragem para enfrentar um desafio de verdade?

– E mais do sexo oposto – disse Bethany, pensando no muito que sua irmã mais velha gostava das provocações tanto para pintar paisagens para uma peça

de teatro (algo inaudito entre damas) ou para ganhar uma competição de arco e flecha. – Quão único quero é que te case bem, que venha a Londres e tenha filhos – acrescentou, acariciando o estômago com a mão.

Emma entrecerrou os olhos. Sua irmã parecia um pouco mais roliça que de costume? Bethany gorda, embora nunca tocava sequer a sobremesa por que a gordura não estava na moda?

– Bethany! – exclamou dando um salto– Querida, estas esperando um filho? Sua irmã se ruborizou. – Bom, possivelmente…

Mas como membro de uma família de cinco irmãos, Bethany sempre mostrava uma tenacidade alarmante. Tão só um ou dois segundos depois soube que a futura chegada de seu filho era o que faria com que sua irmã se decidisse a casar-se imediatamente.

– Necessito-te em Londres – disse.

Emma a olhou de esguelha.

Na voz de sua irmã havia um pouco de temor.

– Bem – disse com energia. – Irei a Londres e escolherei um marido. Duvido que leve muito tempo. É uma pena, porque gostava bastante do Kerr. Deixou-me sozinha, é muito atrativo e gostei do que li de seus discursos no Parlamento. Parece inteligente.

– Não pode ser – disse Bethany com um estremecimento– depois das coisas terríveis que disse sobre ti!

– Achar que sou muito velha para ter um filho? – Perguntou Emma.

– Não é isso. Pior! Não posso nem sequer lhe dizer isso Emma.

Emma a transpassou com o olhar de uma irmã mais velha.

– Diga-me – Houve um momento de silencio.

– Disse que não se casaria contigo até que levasse seu filho em seu ventre e seu anel no dedo.

Houve um momento de silêncio.

– Não deveria ter dito isso – acrescentou Bethany com aspecto abatido. – Supõe-se que não se deve falar de filhos e ventres com damas solteiras.

– Não seja imbecil – respondeu sua irmã distraidamente. – A senhora

Morrison teve seu bebê à semana passada, de caminho ao povoado.

– Sim? Estava lá? É bonito?

– Igual a seu pai, sem a barba, mas adorável de todas as formas. E certamente que estava ali. O doutor Placket chegou meia hora atrasado, como sempre, e fedendo a genebra. De verdade acha que Kerr disse exatamente essa frase, Bethany? – Ou algo similar.

Emma riu.

– Disse-te que era inteligente, não? E parece que também erudito.

– Quem se preocupa com seu cérebro? Foi intoleravelmente grosseiro ao falar de ti dessa forma.

– Estava citando Shakespeare – disse Emma. – Não posso recordar a citação exata, mas a frase é "Tudo está bem quando acaba bem". Um espécime absolutamente asquerosa de homem, o Conde de Rousillon, anuncia que não aceitará sua esposa até que ela tenha o anel em seu dedo e esteja carregando a seu filho.

– Nunca gostei de Shakespeare. As histórias são muito longas e invariavelmente horripilantes.

– Não seja tão falsa, querida – disse Emma divertida.

– Porque tem essa expressão? – Perguntou Bethany.

– Estou pensando… Não acha que os pais de Kerr devem ter enviado a papai um anel em algum momento das negociações dos esponsais?

– Negociações? – repetiu Bethany– Te refere há anos atrás quando ambos eram crianças?

– Exatamente.

– Bom, posso te assegurar que a família do John nunca enviou um anel para mim. O único que recebi foi o que ele me deu quando nos casamos.

– Lembro-me de uma conversa sobre um anel – disse Emma recordando o assunto. – Terei que arrastar papai para fora de seu estudo e perguntar-lhe.

– E o que isso importa? – Perguntou Bethany– Talvez tenha o anel, mas ainda não tem o menino. E não pode… – Olhou a sua irmã nos olhos– Ah, não, Emma, não pode fazer isso!

– Desafiou-me – disse Emma com um sorriso diabólico e malicioso. – Foi ele quem lançou o desafio, Bethany. Você mesma o ouviu!

– Não, ele não queria dizer isso!

– Disse que tenho que me casar rapidamente.

– Mas não…

– E disse que deveria ter ido a Londres e lhe obrigar a casar-se comigo.

– Sim, mas Emma, não disse…

– Querida, vou satisfazer exatamente seus rápidos desejos. Irei a Londres e lhe obrigarei a casar-se comigo. Com minhas próprias condições; ou melhor dizendo, com as suas. Onde está meu livro de Shakespeare?

Capítulo Quatro

22 Março de 1817

A senhora Dyott a Srta Loudan, Saint Albans, Hertfodshire.

Querida Emma,

Compramos o pônei, e outros dois outros cavalos que agradaram ao Dyott. Escrevo-te para te animar a vir a Londres; ninguém fala mais dos indecentes comentários do Kerr, e a temporada está em todo seu auge. Do único que se fala é do baile de máscaras de lorde Cavendish que vai se celebrar em Burlington House.

Dyott e eu seremos César e sua esposa. Acredito que a esposa de César era uma mulher irrepreensível, embora meu disfarce tenha exigido que me cobrisse mais do que aparentemente era habitual nessa época. No fim das contas Roma é mais antiquada que Londres. Sei que provavelmente ficará com sua irmã, mas podemos te deixar uma égua encantadora. Tem uma boa boca e belos esporões.

É um pouco suscetível, mas, felizmente, nunca vi uma égua a que não pudesse controlar.

Tua,

Sua prima Maria, Lady Dyott

A condessa de Bredalbane nunca foi de cerimônias. Quando Gil chegou a sua casa à idade de doze anos, órfão, com aspecto engomado por fora e enrugado por dentro; olhou-lhe e disse:

– Graças a Deus não é muito jovem para o gamão. Odeio crianças.

E assim, enquanto Walter, seu irmão pequeno, era levado ao quarto das crianças e posto aos cuidados de uma babá, Gil se encontrou sentado ante uma mesa de gamão e compartilhando piadas, aquelas sobre glutões, intelectuais, e inclusive uma do sacerdote e a leiteira. À condessa gostou de todas exceto uma sobre uma mulher de mau gênio e uma ovelha. Cintilaram-lhe os olhos quando lhe disse que evitasse as ofensas e logo lhe contou uma piada verde sobre um cavalheiro e o joalheiro de sua esposa, do qual ele não entendeu nenhuma só

palavra. Mas riu muito e se sentiu muito consolado.

Quase vinte anos mais tarde, seu cabelo era tão negro como sempre e seus olhos tão ferozes como quando ele contou a piada da arpía. Ela se deteve na entrada. – Já era hora, Kerr!

– Eu também estou encantado de verte – disse ele aproximando-se para beijá-la na bochecha.

– Falo a sério – disse ela lhe empurrando para lhe afastar e ir sentar-se em sua cadeira favorita ao lado da janela.

Nunca lhe tinha preocupado que a luz do sol lhe provocasse rugas; gostava muito de ver às pessoas que passavam diante da casa para ocupar-se dessas tolices.

– Deve te casar com Emma e rápido. Com seus estúpidos comentários te puseste em ridículo, e o que é pior, a ela. E me diga, por favor para que foi à ópera?

– Para acompanhar a uma encantadora senhorita – respondeu ele suavemente– Posso te oferecer um copo de ratafía?

– Que horas são? – Perguntou ela.

– Às duas da tarde.

– Tomarei um brandy – disse ela. – Já sabe que nunca bebo antes das refeições, mas posso tomar um reforço de vez em quando.

Fez um sinal a Cooper. Certamente, o mordomo tinha servido o brandy no mesmo momento em que sua madrinha entrou na estadia.

De repente ela deu um golpe com a bengala.

– Não vais me distrair com suas bonitas maneiras, Kerr. Sempre teve um dom para a conversa fácil. Mas isto é sério.

– Sei – reconheceu-o, sentando-se. – Não brinco. Enviei uma carta a meu advogado, informando-lhe de minhas próximas bodas. Asseguro-te que nunca pensei em evitar minha responsabilidade com a senhorita Loudan. Ao princípio não desejava pressioná-la, tendo em conta a prolongada enfermidade de sua mãe, e logo, depois que Walter morreu, de alguma forma, foi passando o tempo. Não posso ir a Saint

Albans esta semana…

– Um cavalo não é desculpa! – Interrompeu-lhe ela.

– Esta semana é a votação sobre a ata do Habeas corpus na Câmara. Já que fui eu quem patrocinou o movimento para revogar a suspensão, tenho que ficar para presenciá-la.

– Ah! – Disse ela zangada– Suponho que essa desculpa é melhor que a outra. Mas porque inventou tudo isso sobre seu cavalo e seu alfaiate e todo o resto?

– Porque sinto uma enorme aversão que meus assuntos se vejam afetados devido às intrigas que circulam entre esse montão de gente estúpida chamada Alta sociedade – disse ele com voz alterada.

– Assim é o mundo – respondeu ela olhando ao copo em vez dele. – Ao menos no habeas corpus não há nada que corra o risco de te pôr em ridículo com uma dessas prostitutas francesas.

– Se, se referi a minha acompanhante à ópera, Enjoe não é uma prostituta – disse Gil, com um meio sorriso. – É simplesmente uma mulher generosa.

A condessa soprou.

– Pensei que distrairia a atenção das pessoas do rumor de que ia casar-me com mademoiselle Benoit – esclareceu ele.

– Bem, deu resultado. Agora o que se pergunta todo mundo é a que oriundo da França levará ao baile a fantasia do Cavendish.

– Que traje vais usar? – Indagou ele mudando de tema.

Seus olhos tentaram lhe atravessar.

– Irei disfarçada de Cleópatra – disse. – E te agradeceria que fosse sozinho, Kerr. Não tenho nenhum desejo de verte acompanhado de outra francesa de moral duvidosa que faça com que me dê medo de abrir a correspondência pela manhã. Irá sozinho e ao dia seguinte irá a Saint Albans e te casará com Emma, se ela ainda te aceitar.

– Certamente, sempre é possível que me rechace.

– Não pareça tão condenadamente esperançado! – Exclamou sua madrinha.

Capítulo Cinco

Bethany Lynn estava ao seu lado, cheia de ansiedade. Aparentemente, sua irmã mais velha tinha perdido completamente a cabeça e nada do que Bethany lhe disse pareceu convencê-la de não fazê-lo.

– Kerr nunca vai acreditar que seja francesa – disse desesperada. – Todos dizem que quando esteve em Paris quão único fez foi beber e seduzir mulheres. É um perito em francesas.

– É obvio que posso lhe enganar – respondeu Emma, impassível. – Fingirei que estou com mamãe. Nos dois últimos anos de sua vida não pronunciou nenhuma só palavra em inglês; houve vezes que me pareceu que eu mesma ia me esquecer de minha língua materna.

– Não parece francesa.

– Às vezes acredito que entendo melhor os homens que você, e isso que está casada – disse Emma. – Meu otimismo se deve a que se pronunciar algumas frases com acento francês, e pareço encantada de lhe ver, minha verdadeira nacionalidade não terá importância. Farei-lhe acreditar que nos conhecemos em Paris.

– Jamais acreditará – insistiu Bethany.

– Acaba de dizer que Kerr admitiu estar habitualmente tão bêbado que poderia ter um encontro clandestino com a Imperatriz Josefina, e não recordá-lo. E mais, conheço o apelido com o qual lhe chamam. Usarei-o para demonstrar que nos conhecemos.

– Qual é? – Perguntou Bethany.

– Gil. Sua madrinha, a condessa de Bredelbane, facilitou-me essa pequena informação. Escreve-me com bastante regularidade, tentando compensar a negligência de seu afilhado.

– Não me convence – disse Bethany com teima.

– Pelo que ouvi no povoado – respondeu Emma, sabendo que estava a ponto de surpreender a sua irmã mais nova – se uma mulher deseja seduzir um

homem, há só duas formas infalíveis: álcool e pouca roupa. A maior parte das histórias que ouvi têm a ver com um homem bêbado ou com uma mulher nua. Ou ambos de uma vez.

– Quem te conta essas coisas? – Exigiu saber Bethany– Seria de esperar que as mulheres do povoado tivessem mais respeito pela sensibilidade de uma dama solteira.

Emma soprou.

– E se eu fosse tão delicada quem ajudaria a nascer os meninos da aldeia?

Bethany franziu o cenho. – Sabe ao que me refiro. – A questão é que se não puder conseguir com que Kerr tenha um acesso de luxúria bebendo, simplesmente me despirei e isso o conseguirá. Pelo que dizem, os homens não podem resistir à visão de um corpo feminino nu. Não está de acordo?

Nos lábios de Bethany apareceu de repente um sorriso que fez com que Emma sentisse uma pontada de inveja. O compromisso de sua irmã também se remontava a seu quinto aniversário, assim como o de Emma, mas o futuro marido de Bethany, na soleira da porta quando esta acabava de completar dezesseis anos, olhou os cachos da cor do brandy e os olhos azuis de sua noiva, e não demorou para começar a pedir que se celebrasse umas prematuras bodas. Em agudo contraste com seu próprio prometido, que se aproximou de St. Albans quando alcançou a maioridade para formalizar o compromisso, visitou-a umas poucas vezes quando, por acaso, estava caçando pelos arredores, e não lhe tinha visto absolutamente nos três últimos anos.

– Provavelmente deveria soltar o cabelo – disse Bethany, começando a entusiasmar-se. – E levantar o peito.

– Isso posso fazê-lo – disse Emma tirando as forquilhas de seu cabelo vermelho escuro. O cabelo caiu até a metade de suas costas.

– As francesas sempre usam maquiagem – indicou sua irmã. – Ririam se vissem a quantidade de mulheres em Londres que pintam um círculo vermelho na bochecha e acreditam que isso lhes dá aspecto de condessa francesa.

– Já uso maquiagem – disse Emma.

Bethany a olhou atentamente.

– Ah! Escureça as pestanas.

– E as sobrancelhas.

– Está isolada no campo e usa os melhores vestidos e pinta o rosto. E parece… bom, está perfeita, Emma. Por quê?

– Sinto-me melhor quando estou bem vestida. Mas acredito que tem razão, ninguém me vê.

– Isto é absurdo! – disse Bethany, mudando de ideia. – Kerr te reconhecerá. Pensa-o, Emma. Talvez não tenha te visitado durante alguns anos, mas te viu ao menos cinco ou seis vezes, e a verdade é que alguém tem que fixar-se bem no rosto de sua futura esposa.

– Com uma máscara não me reconhecerá – disse Emma sorrindo de orelha a orelha.

– Uma máscara? Refere-se ao Vauxhall?

– Não. Estava pensando no baile de máscaras de lorde Cavendish.

– Ah! – disse Bethany entusiasmada. – Que ideia tão brilhante, Emma! Tenho um convite.

– Um baile de máscaras será o cenário perfeito para nosso primeiro encontro depois de tantos anos – disse Emma. – Usarei esse vestido isabelino e a máscara que pertenceram à tia avó Gertrude. Lembra-te?

– Era nossa tá tara tia – comentou Bethany. – Claro que me lembro! Recorda como papai se zangou quando o pus e o arrastei pelo pó? Disse que as joias que adornavam esse vestido valiam tanto como meu dote.

– Faz uns anos o limpei e o guardei adequadamente em um armário – disse Emma. – Era muito bonito para que as traças fizessem um banquete no sótão com ele. Será um disfarce perfeito. Irei de dama isabelina e usarei a máscara que acompanha o vestido. Tampa-me quase toda a cara. Serei irreconhecível.

Sua irmã ainda mordia o lábio. Emma suspirou.

– Não mudou nada desde que tinha sete anos, Bethany. Tenha um pouco de fé em mim!

– Essa é a questão – disse Bethany. – Tampouco você mudou Emma. Acima de tudo joga para ganhar. Mas talvez deseje não fazê-lo se pensar bem. O matrimônio é muito importante para convertê-lo em um jogo.

– Está dando muita importância ao baile… e ao matrimônio – replicou

Emma. – Me casarei com Kerr ou com qualquer outro londrino. É bonito, rico e com título. E o mais importante é que se eu não gostar de lhe ver mais de perto, chamarei a carruagem e irei. Ele nunca saberá que foi avaliado. Simplesmente lhe escreverei uma nota anulando o compromisso, ire a Londres e procurarei um marido que eu goste mais.

Bethany se rendeu.

– Esperarei na carruagem. Se alguém der sinais de te reconhecer, deve partir imediatamente.

– Não, não, devemos fazê-lo corretamente – disse Emma. – Alugarei um quarto no Hotel Grillon como se fosse uma viúva francesa. Assim ninguém poderá nos relacionar

– Irá à festa na carruagem de um hotel! – Ofegou Bethany– Nada disso! Se alguém chegasse a te reconhecer a sua reputação estaria arruinada. Alugará um quarto em um hotel, passando por cima de meu cadáver!

– Permitirei que me acompanhe ao baile – disse Emma suavemente.

Mas Bethany não se deixou enganar. O sorriso no rosto de sua irmã era o de alguém que nunca tinha perdido uma aposta e não tinha nenhuma intenção de perder esta. Estava radiante de alegria. Não havia nada que Emma desfrutasse mais do que de um desafio: quanto mais alta fosse a aposta, melhor.

– Nada de hotéis – acrescentou Bethany, tratando de parecer firme.

– Certamente que não – respondeu Emma.

Capitulo Seis

Uma semana mais tarde

A carruagem bamboleava pelo caminho de paralelepípedos que levava a Burlington House, a propriedade onde os Cavendish celebravam seu baile de máscaras.

– O que acontece se alguém te reconhece? – gemeu Bethany. Estava atormentada pelos maus pressentimentos.

– Ninguém me reconhecerá – disse Emma pacientemente– Levo quase cinco anos sem vir a Londres, desde antes que mãe adoecesse. E recorda que nunca fui apresentada em sociedade oficialmente. Pensa nisto como em um simples jogo de charadas e nada mais.

O brilho das luzes se refletia no vestido cheio de joias de Emma, lançando brilhos. Estava sentada em frente a Bethany, jogada para trás porque os volumosos vestidos ocupavam todo o assento. A parte dianteira era de rendas e tinha um amplo decote, as mangas bufantes estavam cobertas de joias. Bethany abriu a boca.

– Esquecemo-nos de falar… de falar… Emma levantou uma sobrancelha.

– Dos meninos! – Soltou sua irmã.

– Ah isso! – Emma encolheu os ombros– Seguro que entendo como funciona. E tendo em conta a reputação de Kerr, certeza que ele não tem nenhuma lacuna nesse tema.

– Mas a mecânica… – gemeu Bethany, com crescente alarme.

Por sorte, a carruagem estava reduzindo a velocidade; Emma pensou que seria melhor que saísse antes que sua irmã mais nova tentasse pôr alguma outra restrição no transcurso da noite.

– Embora a experiência seja nova para mim – disse, – não me deixarei vencer pela vergonha de permitir que meu prometido faça o necessário. Em algum momento terá de fazer não?

Bethany pareceu ter problemas para respirar.

Emma suspirou.

– A não ser que esteja terrivelmente equivocada, não é nada do outro mundo. Embora não tenha especial predileção pelo lugar onde ocorra esse acontecimento, prefiro que não seja em uma carruagem. De fato insistirei, como representante da França, em não ser desflorada em uma carruagem.

Bethany engoliu em seco.

– Suponho que você fez as coisas corretamente, em um quarto às escuras e debaixo dos lençóis – disse Emma amavelmente. – Mas já sabe que nunca houve nem um grama de correção em mim, Bethany. Não tenho nenhum sentimento em especial pelo Kerr. Mas penso sinceramente, que virá muito bem a nosso matrimônio se descobrir que, resumindo, foi pescado com sua própria ceva.

– Isso é de Shakespeare? – Perguntou Bethany com receio.

– Tenho que ganhar o desafio – explicou Emma, – porque do contrário, Kerr não verá nenhum motivo em especial para abandonar sua indiferença. Acredito que é melhor que dele me ocupe antes que nos casemos.

– Oh, Emma, eu gostaria de não ter feito nenhum comentário sobre o Kerr! John não aprovaria isso – gemeu Bethany.

Emma riu.

– Certamente seu marido não entenderia querida. É um homem doce e atencioso; o homem perfeito para ti.

– Essa não é a questão. Kerr não é doce, nem atencioso!

Emma agitou a mão para fazê-la calar.

– Tampouco eu, querida. Tampouco eu.

Bethany olhou a sua irmã e mordiscou o lábio. A verdade é que tampouco Emma parecia doce nem atenciosa. Parecia perigosa, com os olhos cintilando de malícia através da máscara e os peitos realçados pelo apertado sutiã do vestido.

– Te esperarei na carruagem.

Emma sorriu abertamente.

– Não tem que esperar carinho – desceu da carruagem e depois olhou para trás. – Aluguei um quarto no Hotel Grillon e minha donzela já está me esperando ali.

O chiado de Bethany certamente se ouviu no condado vizinho. Emma se limitou a dizer adeus colocando a máscara.

A partida tinha começado.

Capítulo Sete

Os lacaios que tinham sido postos para vigiar a entrada à festa dos Cavendish tinham muito trabalho. Viram-se obrigados a rechaçar boa parte das pessoas que careciam de convites, e mais recentemente a cinco cujos convites eram evidentemente falsos. Podia-se dar por certo que qualquer um que não pudesse demonstrar que seus convites eram genuínos, correria a mesma sorte, pensou James para si. Não tinham o aspecto de controle requerido.

Não como a joia que estava saindo da carruagem nesse momento: alta e magra, mas com um seio que lhe fez a boca água. Tinha o cabelo vermelho, completamente encaracolado e lhe caía em cascata pelas costas; o contraste entre a cor do cabelo e a brilhante palidez de seus peitos cheios, fizeram com que James quase dobrasse os joelhos. Mal se fixou no cartão, tão hipnotizado estava pelo débil sorriso dos olhos verdes que lhe olhavam por cima do bordo da máscara.

– Por aqui, milady – disse ele, ofegando lhe devolvendo o convite, mesmo que expressamente lhes houvessem dito que os conservassem para que ninguém pudesse dar-lhe através de uma janela a um amigo.

– Merci beaucoup – murmurou ela, e ao James tremeram as pernas. Era francesa, e se todas as francesas se parecessem com esta, o mundo seria um lugar melhor.

* * *

O salão de baile resplandecia com a grande profusão de brilhantes sedas de distintas cores, plumas e o brilho das joias. De uma esquina, uma pequena orquestra fazia um valente esforço, mas as pessoas estavam muito excitadas para dançar. Todo o salão estava cheio da Maria Antonieta e Julhos Cessar, que emitiam chiados de prazer quando tiravam o chapéu entre eles e se lançavam através da sala para pressionar bochecha empoeirada com bochecha empoeirada.

Emma sentiu uma pura punhalada de entusiasmo. Fazia muito tempo que não ia a um baile. A seu modo era tão fascinante como um montão de pinturas do Tey. Mas a pintura era uma atividade solitária que não oferecia o mesmo prazer para o coração que um baile de máscaras. Passeou entre a multidão. A gente se separava ante ela, retrocedendo. O som de suas vozes chegava a seus ouvidos: Quem é... Em realidade? Não pode ser, querida… Nunca antes a tinha visto. E logo muito claramente: Isso são diamantes genuínos; não se trata de uma governanta.

Sentiu-se um pouco irritada. Deveria ter vindo a Londres, assim saberia quem era toda essa gente. Sabia que reconheceria Kerr, mas não a seus amigos. Um cavalheiro estava sozinho, a um lado, olhando-a como se tivesse caído diretamente do céu. Ela deixou cair às pestanas lentamente, e logo voltou a lhe olhar. Ele tinha uma expressão tão embevecida que esteve segura de que se tratava de um amigo de Kerr.

Parecia que o jovem lorde se chamava Duffer, um nome muito apropriado. Quase tropeçou com seus próprios pés em sua pressa por lhe beijar a mão. E um segundo depois levou Emma à sala de jogo onde tinha visto Kerr ultimamente.

Kerr estava sentado em uma mesa jogando vinte e um, tinha a cabeça inclinada enquanto estudava suas cartas. Emma se deteve um momento, afastando a mão do braço do Duffer. Seu futuro marido (se é que finalmente ela decidia lhe conceder tal honra) era notavelmente atrativo: alto e bronzeado, com o rosto cigano e olhos rasgados. Não usava máscaras, só uma jaqueta negra e uma gravata amarrada com descuido, mas tinha melhor aspecto que qualquer um dos perus reais entre os quais se sentava.

– Kerr! – Chamou Lockwood– Acorda, homem. Há uma mulher detrás de ti!

A última coisa que Gil queria era ter problemas com mulheres. Amanhã ia a St.

Albans e…

Olhou-a. Ela era o problema. Embora de todos os modos a classe de problema que mais gostava.

– Milord – disse a mulher com voz rouca. – Joga com tanta concentração que não se fixou em mim.

– Temo-me que estou em desvantagem – disse Gil, levantando-se e inclinando-se ante ela. – Sou Gilbert, conde de Kerr.

– Mais, monsieur – exclamou ela, retrocedendo, com voz ligeiramente rouca. – Querido Gil, não terá se esquecido de mim, verdade?

Gil piscou. Seguro que não havia…

– Oh, esqueceu-me! – disse ela, sua voz convertida em um rouco lamento. –

Hèlas, cavalheiros…

Dirigiu um brilhante sorriso ao redor.

– Por isso é que as francesas consideram os ingleses tão perigosos.

– Perigoso? – Perguntou Gil. Estava quase seguro de não havê-la conhecido antes. Exceto possivelmente houvesse algo fracamente familiar nela– Distraído, possivelmente, mas perigoso, nunca.

– Admite-o – disse ela fazendo beicinho.

Lockwood estava claramente ansioso de aliviar sua decepção. Avançou um passo e lhe beijou a mão.

– Ah, mademoiselle – disse suavemente– lhe asseguro que meu coração é francês. Nunca poderia esquecer o mero roce de seus dedos.

– Está-me dizendo, milord – disse ela com um forte ceceio– que vocês os ingleses não são todos tão grosseiros como lorde Kerr? Porque realmente acredito que esqueceu por completo nosso encontro.

Gil estava dividido entre a diversão, a incredulidade e um fraco, muito débil, indício de vergonha. De verdade podia ter esquecido a um espécime tão delicioso de mulher?

– Ajude a minha decrépita memória inglesa – disse– Quando aconteceu esse encontro mademoiselle?

Ela fez uma pausa.

– Isto demonstra sua péssima memória – disse– porque não sou uma mademoiselle, se não madame Custine. E você senhor, foi muito amável com… – se deteve e seu sorriso deu a entender a todos a classe de amabilidade a que se referia.

Maldito fosse o brandy francês, pensou Gil. Não podia fazer nada exceto

aceitar o escândalo: sua madrinha ia inteirar-se disto em cinco minutos.

– Deduzo que nessa ocasião que você me recorda e que eu esqueci, fui muito amável, minha querida madame Custine – disse lhe beijando novamente a mão. – Considero que é algo muito generoso por sua parte.

Os olhos dela lhe olharam, brilhando através da máscara. Seu sorriso surpreendeu ao Gil. Como era possível que tivesse bebido tanto brandy para esquecê-la?

– Considere-o um tributo a suas habilidades, milord – disse ela.

O tom insinuante de sua voz era inequívoco. Lockwood se afastou e recolheu suas cartas. O homem que havia ao lado deste se virou e sussurrou algo a um amigo.

Gil suspirou por dentro e jogou suas cartas. Um ás e um rei caíram à mesa. Em realidade sua madrinha demoraria três minutos em inteirar-se.

– Cavalheiros – disse– com sua permissão, devo pedir desculpa à dama.

Capítulo Oito

– Diria você – perguntou Gil obrigando-se a afastar a vista da gloriosa mulher que lhe tinha procurado– que possivelmente tenha exagerado um pouco quanto a nossa relação? – Ps Du tout.

– Pensei que você pudesse ter tomado uma licença poética – disse ele conduzindo-a para as janelas que davam ao jardim– Dar um tom romântico a um encontro totalmente inocente… a ajudei a subir a uma carruagem, possivelmente?

Emma soltou uma pequena gargalhada. O prazer de ser francesa lhe tinha subido à cabeça. Estava um pouco bêbada pela sensação de poder, desfrutando com sua própria farsa. Deu a sua voz um tom de ronronar.

– Como pode perguntar tal coisa, lorde Kerr? Asseguro-lhe que esteve a ponto de partir meu coração.

Saíram para os jardins. As amplas saias de brocado de Emma roçaram as laterais da porta. Por que não tinha vindo antes a Londres? Por que não se deu conta de quão divertido podia ser caçar um homem e lhe burlar igual aos cães pastores do Ben, o granjeiro faziam com os carneiros?

– Mas não penso lhe responder – disse, arrancando uma flor de jasmim. Cheirava muito doce.

Ele não respondeu, simplesmente andou a seu lado, segurando-a por um cotovelo e entrando com ela nos jardins.

Não iria arrebatar-lhe a virgindade nos jardins verdade? Bom, certamente, ele não tinha nem ideia de que ela era virgem e Emma tinha a sensação de que nunca se inteiraria se estava o bastante bêbado.

O jardim estava cheio de sombras que riam e passeavam separados das zonas iluminadas pela luz da lua, e seus trajes de lentejoulas pareciam tocados por uma fada cujas asas houvessem tocado o chão. Seria Homer ou possivelmente Zeus, ou ao menos um homem que pensava estar imitando aos deuses gregos.

Sentaram-se discretamente em um banco e Emma desprezou mentalmente

suas suspeitas sobre o jardim. Seguro que Kerr não estava pensando tal coisa. Levaria-a sua casa, antes que acontecesse algo assim. Estremeceu de entusiasmo só de pensá-lo.

– Lamento-o, senhora – disse ele virando a cabeça– Me temo que tornei a esquecer seu nome.

– Pode me chamar Emelie – Parecia que seus sorrisos não eram os bastante potentes com ele. O jovem lorde de antes tinha estado a ponto de desmaiar olhando o movimento de seus lábios, mas a expressão de Kerr não mudou nem um ápice.

– Ah! – limitou-se a dizer– Emelie.

– Era o nome de minha avó. É precioso – informou Emma.

– Moi, j'e avais pense toujours a meme chose – disse ele– Comment pourraisje oublier votre nom, quand votre visage est comme une fleur e apparaitre ensemble?

Emma sentiu pânico durante um segundo. Mas falava francês como uma nativa. Quão único tinha que fazer era manter a cabeça fria. Ele dizia coisas sem sentido; perguntando como podia ter esquecido seu nome quando sua cara era como uma flor.

– O mystère du recollection d'um homme: qui peut savoir pourquoi ils oublient os choses os plus importantes? – disse ela. Isso estava bom: a verdade é que os homem pareciam esquecer sempre o mais importante. E logo, tão rapidamente como pôde, acrescentou–: "Se souvenir d'une femme, c'est a moi: je trouve que c soit impossible d'oublier même os details de notre rendezvous nocturnale".

Isso também foi bom: se ela tinha passado uma noite com o Kerr, certamente não esqueceria nem o mais insignificante detalhe.

A promessa que destilava seu sorriso lhe provocou um enjoo.

– Fala com muita desinibição de minhas pobres habilidades, mademoiselle

Emelie…

– Madame Custine – corrigiu ela, – se não desejar dirigir-se a mim como Emelie. – Se ele tivesse a mínima ideia de que não era uma viúva, toda sua farsa se viria abaixo.

– Acredito sinceramente que deveria me desculpar por ter esquecido nosso primeiro encontro – disse ele suavemente– Onde disse que nos conhecemos?

– Não importa – respondeu ela no mesmo tom. – Sei que provavelmente o esqueceu porque aconteceu faz anos… mas eu nunca pude lhe apagar de minha mente. Jamais.

Inclinou-se para frente para que ele pudesse ver bem seu decote, mas Kerr, em troca, parecia estar fascinado com seus olhos.

– Não pôde? – Perguntou ele.

– Agora devo me casar com um comerciante, um burguês como lhes chamam vocês aqui, na Inglaterra – Oops, quase tinha se esquecido de pôr acento francês.

Tinha algo a ver com o aroma especial de sua pele. Retrocedeu um pouco.

– Desejo-lhe o melhor em seu próximo matrimônio – disse ele.

– Certamente – ronronou ela. – Mas o matrimônio é algo muito sério… agradável, totalmente necessário, e sufocante. Sei por que já estive casada com meu querido Pierre até sua chorada morte.

– Ah – disse ele.

Emma se apressou a falar antes que ele pudesse lhe fazer uma pergunta que ela fora incapaz de responder.

– Faz anos desde que, nós, estivemos em Paris, monsieur.

– Paris – repetiu ele endurecendo o tom.

Apareceu uma ruga entre suas sobrancelhas e Emma relaxou. Agora havia algo diferente no ambiente: o aroma da possibilidade. De modo que Bethany tinha tido razão com o de seu dissoluto comportamento.

– Paris – disse ela, suavemente. – Provavelmente não lhe recorde, milord.

Temo-me que essa noite você tinha bebido mais brandy do que o normal.

– Indubitavelmente – respondeu ele com voz dura.

– Mas eu não pude lhe esquecer… – Emma não podia acreditar na nostalgia que gotejava sua voz. Possivelmente devesse haver fugido para unir-se a uma companhia ambulante de teatro! – Quando lhe descobri esta tarde, no salão, pareceu-me que era um presente dos deuses.

– Bem – disse ele– suponho que deveria agradecer que aparentemente me comportei de maneira aceitável, inclusive bêbado.

– Tenho que me casar com meu endinheirado burguês dentro de uma semana – disse Emma. – Só vim a Londres para escolher meu traje de bodas. Vir ao baile de máscaras só foi uma casualidade.

– Ah!

Ela se inclinou e lhe acariciou a bochecha com um dedo. Sentiu uns pequenos pelos nele.

– Quero lhe pedir que me faça um favor, milord.

– Certamente – Mas sua voz era cortês, desinteressada. A menção de Paris lhe tinha convencido de que se conheceram antes, mas de algum modo lhe tinha esfriado.

– Verá, milord, sinceramente acredito que me deve um favor.

– De verdade? – sua voz foi positivamente fria.

– Sim – Lhe passou o dedo pelos lábios.

Seu lábio inferior era grosso, áspero, bonito.

– Tenho que fazer um bom matrimônio. Minha mãe, Deus benza sua Santa memória, seria feliz. E eu gostaria de ter uma experiência mais… só uma… antes que comece a levar uma vida cheia de retidão.

Seus olhos se entrecerraram.

– É possível que você queira dizer o que eu acredito?

Emma manteve a voz baixa e sensual.

– Isso espero.

E em seguida conteve o fôlego.

Capitulo Nove

A auto aversão é um sentimento desagradável para mostrá-lo diante de uma mulher bonita. Gil se obrigou a desterrar qualquer traçado de emoção de sua voz antes de falar.

– Temo-me que não era eu mesmo durante minha estadia em Paris – disse com cuidado.

Seus olhos encontraram os seus.

– Acredito que tinha problemas – disse ela– Me parece que estava aflito pela perda de seu irmão.

Maldição. Não podia acreditar que tivesse falado do Walter, de sua morte, a esta mulher. Como podia havê-lo feito? E se lhe tinha falado de um tema tão pessoal, como era possível que não recordasse seu encontro?

Seus olhos refletiam compreensão. Ele se obrigou a reunir os fragmentos de seu orgulho e a enterrar a dor pela morte de Walter no mais profundo de seu coração, de onde não pudessem sair. Tanta dor não tinha nenhum sentido e não conduzia a nada.

Não entendia muitas coisas, mas esta sim.

– Devo havê-la aborrecido mortalmente – disse com ligeireza.

– Ps du tout – disse ela. Tocou-lhe a mão lhe provocando uma descarga de sensações. – Isso nunca.

Seus olhos se encontraram e ela desviou o olhar.

Pela primeira vez, olhou-a atentamente. Havia se sentido divertido e talvez interessado quando ela apareceu na sala de jogos; a única razão pela qual a tinha acompanhado ao jardim era porque pretendia ganhar outra coisa e as cartas tinham perdido todo interesse para ele. Era magra, as curvadas sobrancelhas se sobressaindo da máscara. Seu cabelo era grosso e encaracolado, da cor vermelha escura das granadas e com a mesma insinuação de misteriosas profundidades destes. Um homem podia enterrar ali seu rosto e não sentir falta da luz do sol. Seus olhos eram sensuais, curiosos,

... inteligentes e lhe olhavam de um modo que lhe faziam sentir-se inseguro. Quanto fazia que uma mulher lhe olhava com genuíno desejo em vez de com deliberado interesse.

Desde sua estadia em Paris, não tinha levado nenhuma mulher a sua casa, nem tampouco as acompanhava a sua morada. Visitava madame Bridgete, mas só pelo prazer de conversar em francês. Brincava com fogo, mas deixava às mulheres, intactas, na porta de suas casas. Às vezes se perguntava se teria se convertido em um eunuco naquela orgia de dor.

Sua testa era alta, a frente delicadamente branca de uma aristocrata. Era uma pena que fosse se casar com um burguês rico. Uma pena não, corrigiu-se. Uma sorte. Teria cinco filhos e se esqueceria das extravagâncias de sua juventude.

Porque podia dar-se conta de que era jovem. Outra onda de aborrecimento por si mesmo lhe sobressaltou: aparentemente tinha estado tão bêbado uma noite em Paris, que tinha violado a uma jovem dama.

Voltou a olhá-la nos olhos. Bem, ou melhor não era exatamente uma dama. As damas poucas vezes tinham um brilho tão fascinante em seus olhos, ao menos as inglesas... Isso era para as francesas.

Seus dedos lhe acariciavam o pulso, como se não pudesse deixar de lhe tocar. Uma coisa que tinha aprendido em sua descabelada vida era que tinha que desculpar-se. Por ser o único em sua família em ficar vivo. Por não estar ali quando Walter caiu da carruagem.

Por violar a uma jovem. Embora aparentemente o tivesse feito tão bem que ela queria repetir.

E ele, como tinha que recordar-se a si mesmo algumas vezes, era um cavalheiro. Os cavalheiros nunca decepcionam as damas.

* * *

Um momento antes Emma estava sentava sobre o banco, olhando fixamente com bastante satisfação aos olhos de seu futuro marido, e ao seguinte ela estava de pé, voltando para salão de baile. Algo tinha mudado entre eles.

Ele era bem mais alto que ela, embora ela fosse uma mulher de elevada

estatura. Sua mão estava sobre seu ombro, e embora tranquila, a fez tremer, Só podia supor que tinha decidido aceitar seu pedido.

Houve um brilho de tanta dor em seus olhos quando ela mencionou seu irmão que lhe contraiu o coração. Enquanto, ao lhe olhar agora de soslaio, só via uma espécie de luxúria.

Ele ia mais devagar enquanto se aproximavam das portas abertas do salão de baile, olhou-a, e em seus olhos já não havia rastro de tristeza. Pareciam diabólicos, como uma promessa feita sob a luz da lua, como o final das grandes história de amor. E o sorriso de seus lábios deveria estar proibido. Pela primeira vez acreditou em Bethany. Este homem tinha passado como uma foice por Paris. Parecia pouco provável que alguma parisiense lhe houvesse oposto resistência.

– Deduzo – disse ele, ignorando as caras de curiosidade que se voltaram para eles– que você deseja que lhe faça um favor.

– Se você fosse tão amável – respondeu ela, mantendo o olhar em seus olhos para que não se desviasse de seus lábios. Falando disso que sabor teriam? Nunca tinha pensado algo assim com antecedência. Por um instante sentiu vertigem, como se a antiga Emma, a que pintava abelhas em seu estudo, tivesse sido suplantada por uma lasciva francesa que lambia os lábios ao ver Kerr.

Bem, ele era seu marido.

Quase.

– Quer dançar? – perguntou ele.

Ela piscou, confusa. Não ia arrastá-la até sua carruagem e a aproveitar-se dela? Sinceramente, nem sequer lhe importava em que carruagem. Certamente, Bethany havia dito que as carruagens não eram apropriadas, mas…

– Sim, certamente – conseguiu dizer, e se agarrou em seu braço. Mas tinha esquecido que tinham aparecido novas danças desde que ela e Bethany tiveram um professor de dança, e vacilou a beira da pista.

– Uma valsa – explicou ele– Nova, alemã, e bastante rápida. Me permita.

Pôs-lhe uma mão ao redor da cintura e a atraiu para ele.

Ela ofegou.

– É um ritmo de três tempos – lhe disse ele, rindo de sua confusão.

Ao redor deles revoavam sedas e cetins enquanto as leiteiras e as rainhas giravam nos braços de reis e palhaços. Pôs-lhe a mão sobre o ombro, e se mesclaram com a gente vestida com alegres cores.

Sua mão a dirigiu, e ela não demorou para aprender os passos.

– Isso é – sussurrou ele em seu ouvido. – As francesas sempre aprendem rápido. De repente a ousadia se apoderou novamente dela, lhe acendendo o sangue. A máscara sobre sua cara ocultava à Emma normal, convertendo-a em outra mulher, uma versão mais ousada e atrevida de si mesmo.

– Acredito que está começando a recordar, milord. Essas foram suas palavras exatas na ocasião anterior.

Maravilha das maravilhas, ele não ficou quieto, e lhe devolveu o sorriso. A mão que tinha em suas costas a aproximou mais. A Emma começaram a lhe tremer as pernas e sentiu que lhe debilitavam os joelhos. Umedeceu os lábios com a língua e se sentiu ainda mais fraca quando observou seu lento sorriso.

– Você quer dar um curto passeio, madame Custine?

– Emelie – respondeu ela. – Sim, seria muito agradável.

Agradável não era a palavra adequada para descrever os batimentos de seu coração que deviam ouvir-se por todo o salão.

Começaram a abrir-se caminho pelo atestado lugar, respondendo às saudações dos amigos do Kerr. Pelos olhares que lhes seguiam, Emma estava segura de que ia receber ao menos quatro cartas detalhando o detestável comportamento de seu prometido.

Pela extremidade do olho viu sua prima Mary e rapidamente virou a cabeça para o outro lado. Talvez a máscara que usava fosse suficiente amparo para que Kerr não a reconhecesse, mas um detalhado olhar de sua prima, e a farsa teria acabado.

Ele a dirigia com um leve toque em seu cotovelo. Um gesto de sua cabeça, e um lacaio apareceu com seu casaco, e Kerr o pôs sobre os ombros. Seus dedos se entretiveram durante um momento, e um potente aroma de seu próprio perfume chegou ao nariz. Por isso é que as mulheres usam o perfume, pensou de repente. Para seu próprio prazer.

– Sempre gostou dos ingleses? – perguntou Kerr.

Certamente que não – disse Emma. – A maioria deles são muito pouco atrativos: pálidos e com esse cabelo amarelo que nunca se sabe se desaparecerá de noite lhe deixando a cabeça como uma bola de bilhar ao fim de poucos anos.

Ela passou diante e Gil a seguiu. Fazendo esforços para recordar. Era óbvio que madame Custine tinha estado em Paris ao mesmo tempo em que ele, e de algum modo se cruzou em seu caminho, completamente bêbado. E se agora desejava ter um último caso antes de casar-se com seu digno burguês quem era ele para queixar-se?

– Antes que fizesse esse comentário, nunca tive motivos para me alegrar de meu cabelo negro – disse.

Ela franziu os lábios e logo lhe olhou lentamente de cima abaixo, do cocuruto até as botas. Gil esteve a ponto de rir. Não havia nada mais agradável que uma francesa em busca de um apaixonado encontro de uma hora.

– De verdade – disse ela finalmente– Seu cabelo é gratificadoramente escuro. De fato, tomei por francês até que ouvi falar de seu êxito com as francesas.

– Ouch! – Gil disse, entre risadas. Depois de tudo, ele também devia casar-se. Possivelmente esta dama francesa seria a última antes que embarcasse em um matrimônio respeitável. Ajudou-a subir à carruagem e logo se sentou frente a ela– Estou completamente… a seu serviço, madame.

– Nesse caso – disse ela com perfeito aprumo, – hospedo-me no Grillon e lhe agradeceria muito que me acompanhasse ao hotel.

Suas sobrancelhas se ergueram. A pequena Emelie tinha obtido estupendamente conseguir um encontro. Por um momento se compadeceu de seu decoroso burguês. Brilhavam-lhe os olhos de entusiasmo por cima da máscara. Tinha uns preciosos olhos, com uma espessa franja de sobrancelhas que se frisavam nos cantos dos olhos, lhe proporcionando um fascinante aspecto de paquera. Verdadeiramente como podia haver-se esquecido desta mulher?

Afastou o pensamento. Duas garrafas de brandy em uma noite tendem há provocar isso em uma pessoa; e quando em cima, a gente trata de esquecer que seu irmão mais novo morreu, também tende a esquecer de outras coisas ao

mesmo tempo.

– Você gostaria de tirar a máscara? – perguntou.

– OH, acredito que não – respondeu ela. Sua voz soava a pecado, alegremente indecente. Inclinou-se para frente e pôs uma pequena mão enluvada em cima de seu joelho. Uma descarga de pura luxúria atravessou sua virilha. – Se me desculpar, acredito que assim será mais divertido, Kerr. Depois de tudo não recorda meu rosto depois de nosso último encontro e lamentaria que qualquer um de nós se envergonhasse se voltarmos a nos encontrar. Depois de tudo vou casar-me com um inglês.

– No baile me chamou Gil. E estou completamente seguro de que voltarei a esquecer sua cara se me pedir que o faça.

– Perdoara-me que não confie em ti – disse ela, o belo timbre de diversão na sua voz lhe atormentou mais que a mão que ainda descansava em seu joelho. – Eu gostaria de conservar a máscara.

Há mais de uma maneira de apagar minha memória – disse ele. Logo seus olhos se fixaram nos dela, levantou o braço e apagou a lamparina de azeite que pendurava a seu lado. Essa parte da carruagem ficou imediatamente nas sombras, deixando só a luz de lamparina que ardia do outro lado. Seu brilho banhava em ouro a cor vermelha escura de seu cabelo, resplandecia nos diamantes que usava nas orelhas e fazia com que o veludo do casaco tomasse a cor do bronze.

Ela jogou uma olhada a seu abajur. Logo, devagar e com cuidado, começou a tirar a luva da mão direita, dedo a dedo.

– Posso me ocupar de seu abajur? – perguntou ele, bastante horrorizado ao comprovar que sua voz se converteu em um grunhido. Havia algo insuportavelmente erótico em contemplar como ela tirava lentamente uma luva.

Ela riu baixinho. Não era o tipo de mulher que ria bobamente, pensou. Finalmente, terminou de tirar a luva revelando uma mão tão maravilhosamente formada como sua boca.

– Nunca toco os abajures usando luvas – disse ela ascendendo a tocha. – É um risco.

A chama piscou, jogou um último raio de luz sobre a brancura de seu pescoço, e desapareceu. Agora a carruagem só estava iluminada pelos raios de

luz que atravessavam as cortinas enquanto viajavam a Londres.

Ele se sentou durante um momento na escuridão, com cada um de seus sentidos consciente de seus movimentos. A menos que estivesse confundido, estava tirando a luva esquerda.

– Não farei amor contigo nesta carruagem – disse ele de repente.

Sua risada foi tão sedutora que quase destruiu seu controle e lhe fez mudar de assento de um salto.

– Mon dieu, que homem tão respeitável te tornaste – disse ela. – Em Paris atuou sãs ceremonie.

– Quão único lamento é ter perdido a memória – disse ele convencido– Posso te segurar as luvas? – perguntou inclinando-se para frente.

– Certamente – respondeu ela deixando-as cair diretamente em sua mão.

– Pode ver na escuridão como os gatos?

– Não. Mas estou acostumada porque passei bastante tempo entre os bastidores de um teatro. Ali não se acendem as luzes para que não vejam o público.

– É uma atriz profissional?

As atrizes tinham reputação de ser pouco mais que prostitutas, embora Emma pudesse ter discutido essa crença. Cinco anos pintando panos de fundo para o senhor Tey lhe tinham ensinado que os atores e as atrizes tinham os mesmos lapsus éticos que o resto das pessoas.

– Não, não o sou – respondeu abrindo o broche de sua garganta e permitindo que o grosso casaco de veludo se deslizasse de seus ombros.

– Permita-me? – O tom da voz dele era tão rouco que fez com que o coração quase lhe pulsasse mais rapidamente. Entregou-lhe a capa.

– Então por que demônio passou tanto tempo em um teatro?

Pinto cenas em tecido, as cenas que assinalam a mudança de ato.

– Pinta cenários – repetiu ele parecendo completamente assombrado.

– Exatamente. Pintei um para uma função de aficionados, faz uns anos e me comprometi a pintar mais para fazer um favor ao teatro local. Assim é como conheci meu noivo – acrescentou recordando a existência do suposto

prometido.

– Ah sim – disse ele– o decente burguês, o homem com quem vais te casar na próxima semana.

– Exato.

Acaso não ia beijá-la? Passaram diante de uma casa cujas tochas iluminavam todo o meio-fio, e a carruagem se iluminou por um momento, o tempo justo para que ela surpreendesse a expressão pensativa de seus olhos.

– Quanto tempo permaneceu bêbado em Paris? – perguntou-lhe impulsivamente.

Ele a olhou fixamente, mas nesse momento não havia nada de luz de modo que não pôde ler a expressão de seu rosto. Devia ter tirado as luvas porque lhe agarrou a mão direita e começou a acariciar-lhe rodeando-a com seus grandes dedos. Odiou o tombo no coração.

– Seis meses – respondeu ele, justo quando o silêncio se alongou tanto que ela estava a ponto de dizer algo. – Permaneci bêbado seis meses. E deduzo que foi durante uma de minhas piores noites quando te conheci, Ma chère.

Mas Emma não queria falar desse inexistente encontro.

– E a bebedeira se devia à morte de seu irmão?

Ele se inclinou para frente e lhe pôs uma mão nos lábios. O toque de seus lábios nas gemas de seus dedos fez com que o calor de seu ventre se convertesse em chamas. Ela conteve um ofego. Tinha que parecer que tinha experiência, não jogar tudo pela amurada por algo tão simples como seu contato.

– Walter morreu em outubro, faz mais de um ano – disse ele, recostando-se outra vez e entrelaçando seus dedos. – Morreu em uma carruagem enquanto se dirigia a Oxford. Perdoe-me se já te contei todos os detalhes quando nos conhecemos.

Era seu terceiro ano ali e estavam fazendo o parvo...

Interrompeu-se e seus dedos apertaram os dela.

– O que aconteceu? – perguntou Emma, embora sabia muito bem. Tinha assistido ao enterro, certamente. Tinha estreitado sua mão enluvada de negro com a sua também enlutada e tinha murmurado algo através do véu negro que pôs para o cunhado que nunca chegaria a sê-lo. Durante o enterro, os olhos de

Gil tinham permanecido mortos, escuros, inexpressivos; inclusive podia recordar seu olhar. E o seguinte que tinham sabido dele é que se foi a Paris.

– Bebia – disse Gil rotundamente. – Certamente, não é nada insólito beber. Em certo modo, ir à universidade é sinônimo de empapar-se com uma garrafa de brandy. Mas um homem que esteve bebendo não controla bem as rédeas. Nem seu equilíbrio. E Walter caiu da carruagem, isso é tudo. Deixou cair às rédeas e caíram enquanto a carruagem virava em uma esquina.

– Sinto muito, – disse ela suavemente.

Dizem que não sofreu.

– Suponho... Serve de consolo?

– Não muito.

Então ela se inclinou para frente e lhe envolveu ambas as mãos entre as suas. A carruagem rodava por uma longa e escura rua, de modo que não podia ver absolutamente nada. Permitiu que seus dedos vagassem sobre suas mãos e pelos dedos, calosos provavelmente por segurar as rédeas.

– Então deduzo que tentava te embebedar o suficiente para cair de uma carruagem.

Houve um momento de silêncio, e ela sentiu uma pontada de medo. Teria ido muito longe? Mas ele emitiu uma seca gargalhada.

– Algo assim, suponho.

Ela esticou os dedos, colocando-os sobre o amplo dorso de suas mãos.

– E teve êxito?

– Obviamente não.

Ela esperou. A carruagem deu uma sacudida ao virar uma esquina.

– Cair em um montão de camas – disse ele finalmente– Bêbado perdido, tentando encontrar o caminho até o urinol. Uma espécie de morte. Mas você sempre acorda, infelizmente.

– Já sei – disse ela. Voltou-lhe as mãos e começou a lhe acariciar as Palmas tentando fingir que não lhe tremiam os dedos– Uma vez caí de uma carruagem. Ele ficou imóvel; ela o sentiu mais que vê-lo.

– Que aconteceu?

– Eu tinha oito anos, e passeava pelo povoado em uma velha carruagem puxada por um pônei, conduzido por um antigo; mas muito sóbrio; noivo. Ele não sabia que eu tinha inclinado para um lado tentando agarrar um ramalhete de rosas selvagens. Virou em uma esquina quando acabava de agarrar um especialmente bonito.

Houve uma insinuação de risada em sua voz.

– Acredito que posso ouvir o grito de dor que deu.

– Diretamente na roseira – confirmou ela tristemente. – Tenho uma cicatriz na sobrancelha direita que ainda é visível.

Uma mão se separou das suas e percorreu a forma da sobrancelha.

– Bonita – comentou, e o tom rouco de sua voz fez com que mordesse os lábios. – Suas sobrancelhas emolduram seus olhos de uma forma especialmente sedutora. Antes não vi nenhuma cicatriz e agora tampouco a sinto.

– Maquio-as – disse Emma com energia, tentando apaziguar as mariposas de seu estômago.

As mãos dele se dirigiram a seus ombros e escorregaram até sua cintura, em seguida, de repente, rodearam-na e pouco depois estava sentada em seu col.

– Deduzo que cresceu na Inglaterra.

– O certo é que na França também temos carruagens puxadas por pôneis – disse ela apressando-se a voltar com o acento francês.

Seu rosto estava muito perto do dela. Possivelmente ia beijá-la. Emma sentiu uma onda de excitação tão aguda, que quase desmaiou.

– O que te fez deixar de tentar cair de uma carruagem? – perguntou rapidamente enquanto a boca dele se movia para a sua. Ele não se deteve, embora só lhe roçou os lábios. Uma de suas mãos se levantou por vontade própria e lhe rodeou o pescoço. Tinha um pescoço forte, musculoso e firme.

– Não pude fazê-lo – Disse ele quase contra sua boca. – Nunca pude soltar as rédeas e sair voando simplesmente. Walter tinha uma exuberância que eu nunca tive. Bebia com entusiasmo e montava a cavalo com despreocupação. Eu sou mais comedido. Tentei lhe ensinar a ser menos imprudente – encolheu os

ombros.

Emma esperava que não notasse os batimentos de seu coração contra suas costelas. Tristan tinha uma bela boca: curvada e um pouco triste, deliciosa, firme… Contendo o fôlego lhe agarrou um dedo e o esfregou contra seus lábios.

– Tirará a máscara agora? – Perguntou ele contra seu ouvido com voz aveludada.

Ela jogou os braços para trás para desatá-la e imediatamente compreendeu a vantagem de ter os braços atrás da cabeça. O movimento fez que os peitos se sobressaíssem. Sentiu-se deliciosamente audaz. Permaneceu assim, desatando devagar as fitas da máscara, sem mal respirar. O único que podia ver dele na escuridão eram seus olhos deslizando-se por seu corpo como um quente gole de brandy.

Um segundo mais tarde, sua mão se deslizou para baixo por sua garganta até a curva de seu peito. Ela ofegou. Tinha notado que seus dedos eram calosos, mas não imaginou que percorreriam sua pele. Passaram por cima de seu peito deslizando-se por debaixo da renda bordada em ouro de seu sutiã.

Seu olhar sustentou o seu, sem afastar os olhos para ver o que estava fazendo, o lugar onde a acariciava com seu polegar, porque ele… ele… – De que é seu disfarce? – perguntou ele suavemente.

– O que? – ofegou ela.

– É Cleópatra, toda vestida de ouro? – voltou a perguntar– Não, não é uma túnica romana.

Lhe exageraram os olhos. Agora suas mãos rodeava seu seio, empurrando o sutiã para baixo, quase… quase tocando…

– É Vênus possivelmente? – sussurrou ele percorrendo com os lábios a linha de sua bochecha para baixo.

Emma não podia responder, estava muda pela primeira vez em sua vida.

– Acredito que deve ser a rainha Isabel.

Seus lábios estavam agora sobre os dela. Fez uma silenciosa pergunta e ela separou os lábios como se lhe tivesse ouvido, mas nunca acreditou ter ela mesma o mesmo desejo. Além disso, não lhe havia dito sua preceptora que nos

matrimônios não se beijam desse modo? Claro! Ele acreditava que era uma desavergonhada francesa e por isso se atrevia a beijá-la assim.

Emma abriu a boca um pouco mais, e ele se apoderou dela. Algo assim deveria ter sido desagradável, mas… não o era. Ele sabia… Não sabia. Um homem supõe. Agora ele também a estava saboreando, e depois sua mão se imobilizou sobre seu peito.

Tinha o coração desbocado. Sentia-se como um pássaro. Aprisionada entre o calor de suas mãos e a sedução de sua boca, incapaz de mover-se ou de falar. Uma das mãos de Gil estava atrás de sua cabeça, segurando-a para poder tomar sua boca por assalto, fazê-la sua, enquanto que o único que ela podia fazer era…

Seu cérebro não deixava de pensar. Deveria fazer algo ou ele se aborreceria e se deteria. E ela não queria que se detivesse não?

Ele se separou. Sua mão deixou um inesperado frio ao abandoná-la, e uma pequena exclamação escapou de seus lábios. Decepção? Paixão?

– Não posso realizar seu pedido – disse ele.

– O que? – Exclamou Emma, mal lhe escutando devido às pulsações de seu coração nos ouvidos.

Ele a segurou e com tranquila precisão a devolveu ao assento em frente.

– Não posso fazer amor com você nesta carruagem, nem em nenhuma outra parte, madame. Tem que me perdoar.

Capítulo Dez

Emma abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

– Seu pedido – repetiu ele olhando-a – que me pediu para fazer antes que te case com seu rico burguês.

Durante um momento lhe olhou inexpressivamente e logo a realidade; ou a incompreensão; abriu caminho em sua mente.

– Por que não?

– Não teria sentido – respondeu ele.

Emma teve um acesso de raiva. Esse homem, de quem todos diziam que se deitou com um montão de francesas às quais provavelmente murmuravam je t'aime em sonhos, atrevia-se a estas alturas a fazer-se de moralista?

– Depois do que compartilhamos? – Disse ela, com um considerável tom de advertência, se por acaso ele pensava que era uma dama francesa sem importância com a qual podia deitar-se e esquecê-la.

Pensando-o bem, tinha tratado seduzir Emelie.

Se Emelie tivesse existido, claro.

Ele olhava fixamente seus lábios e pareceu ter perdido o fio da conversa.

– Pensa em Paris – disse ela, com uma voz tão suave como a de uma sereia.

– Pensar em Paris não é boa ideia – disse ele, – porque não posso recordar nem a metade do que aconteceu ali.

– Como posso ter me esquecido? – Havia genuína indignação em seu tom.

Depois de tudo, ele a tinha esquecido em St. Albans. Embora nunca tivesse visto tanto dela como supostamente tinha visto de Emelie, seguia sendo um esquecimento.

– Esperei-te – acrescentou pondo voz trêmula e baixando as pestanas do mesmo modo que fazia Bethany quando brigava com seu marido.

– Fez-o? – Perguntou ele de forma pouco amistosa. – É adulador. – Uma

estupidez, melhor dizendo – explodiu ela.

– Bom, mas deve ter te casado rapidamente depois… ou acaso fui cúmplice de adultério?

– Meu Pierre era um ancião quando nos conhecemos – disse ela. – O pobre homem era um inútil na cama.

– Pelo que dizem, Pierre e eu tínhamos muito em comum – observou ele.

– Nos aspectos mais importantes não – disse ela.

Inclinou-se para ele, e com a audácia de uma ave do paraíso, deslizou a língua pelo carnudo lábio inferior de Gil. Depois de tudo ele não havia dito que as francesas aprendiam rapidamente? Ela era meio francesa.

Ouviu-lhe conter a respiração, mas não disse nada.

Então se aproximou ainda mais e lhe pôs uma mão em cima dos joelhos. Podia notar seus músculos fortes sob a mão, tentando-a a subir mais, a…

Gil se separou tão rápido que ela esteve a ponto de perder o equilíbrio Ele saiu tão rápido que ela quase perdeu seu equilíbrio e caiu no chão da carruagem.

– Em Paris caí muito baixo muitas vezes, Ma petite – havia algo de implacável no tom de sua voz que lhe indicou que acabava de perder a batalha. – Não importa quão tentadora seja, não voltarei a fazê-lo.

– Quem diria que tinha te convertido em um santo? – Perguntou ela com voz cortante. – Pelo que se diz foste extremamente amável com as mulheres de meu país.

– Minha amabilidade se esgotou – respondeu ele.

O pior de tudo é que lhe acreditava.

– Não me deitei com uma mulher desde que subi bêbado em um navio que encontrei por acaso no Canal – disse ele lhe levantando o queixo até que seus olhos se encontraram na escuridão. – Se voltasse a me deitar com outra francesa, Emelie, seria contigo.

Ela abriu a boca, e lhe impediu de falar com um apaixonado beijo.

– Mas não voltarei a fazê-lo – continuou com cansaço um momento depois. – E tampouco bebo, se por acaso estas pensando em consegui-lo me embebedando.

– Planeja abandonar os prazeres da cama para sempre? – Perguntou Emma com bastante curiosidade. – A que te refere?

– Bom, verá; falas como um monge… – fez uma pausa e deixou que o silêncio se alongasse uns segundos– ou como um eunuco.

– Emelie! Surpreende-me. É uma senhorita de boa família.

– OH não! – Replicou ela. – Se o fosse como poderia acontecer o que aconteceu em Paris?

– Isso mesmo me pergunto – disse ele bastante sério.

– E aconteceu – continuou ela alegremente. – De modo que não tem que preocupar-se por sujar minha reputação.

– Não o estou – disse ele. – Me preocupa a minha.

– Não é justo! – Gritou Emma, com toda a força de sua decepção. Se voltasse para casa sem ter vencido o desafio – embora ele não soubesse que o era – então ia ter que cancelar as bodas. Não havia outra solução. E não ia fazer… Deteve esses pensamentos e tranquilizou o tom de sua voz.

– Acredito que estamos de acordo em que me deve um favor, monsieur.

Ele a olhou com dureza durante um instante. O sorriso de seus lábios a fez retorcer-se no assento. Então, de repente, Tristan abriu a escotilha do teto e gritou algo ao chofer. Emma não pôde lhe entender.

– O que lhe disse? – quis saber.

– Vou cumprir esse favor – anunciou ele, recostando-se na esquina do assento e cruzando os braços sobre o peito.

Não podia estar mais claro que não se referia ao flerte.

Emma entrecerrou os olhos. Tinha um calor do mais incômodo entre as pernas e uma sensação que lhe percorria todo o corpo, além disso, o coração ainda lhe pulsava com força.

– Já que por desgraça não posso agradar seu primeiro pedido – disse ele tão educadamente como se fosse incapaz de servir uma xícara de chá quente, – farei todo o possível para que sua breve estadia na Inglaterra seja agradável. Mostrarei-te um lugar que te resultará do mais interessante.

O único lugar de interesse que ocorria a Emma era sua casa, melhor seu

dormitório; mas parecia altamente improvável que esse fosse ser seu destino.

Recostou-se em seu assento. Mas não ia cruzar os braços e permitir que ele se desfrutasse de sua moral. Ah, não! Talvez fosse uma principiante neste assunto de sedução, mas tinha o pressentimento de que tinha um dom natural para isso. De modo que jogou a cabeça para trás, como se estivesse esgotada, fechou os olhos, e pensou no modo em que ele a tinha beijado e na forma como sua mão tinha segurado seu seio.

Um pequeno ofego saiu de seus lábios. Jogou um braço por cima da cabeça e agarrou a cortina como se quisesse segurar-se pelos movimentos da carruagem. O sutiã do vestido esteve a ponto de deslizar-se para debaixo de seus mamilos. A sensação era insuportavelmente erótica e a fez remover-se no assento. Não abriu os olhos. Tampouco ele a estava olhando, ou ao menos não o parecia.

Em lugar disso, concentrou-se em recordar seu beijo. Lhe tinha metido a língua diretamente na boca. Se não tivesse ouvido falar antes disso, não teria podido acreditar. Certamente sabia tudo a respeito da cópula. Mas alguma vez… a verdade… era mais ou menos o mesmo não? Quando a língua de Gil percorreu seus lábios, ela os abriu como se fosse o caramelo mais doce que já lhe ofereceram. E ela sabia muito bem, tanto que o coração golpeava com força contra suas costelas só pensando-o. Removeu-se um pouco no assento. Era como se os beijos parodiassem a consumação do matrimônio. A só ideia a fez sentir-se estranha.

Estava farta de segurar a cortina, de modo que deixou cair o braço e se sentou bem, passando as mãos pelo cabelo. Era maravilhoso ter o cabelo solto ao redor dos ombros. Normalmente sua donzela o penteava prendendo-o no alto de sua cabeça, com tantas forquilhas que Emma as encontrava espalhadas por toda parte na penteadeira. Estava melhor assim, como se fosse seda entre seus dedos. Se ela e Gil chegassem alguma vez a estar juntos, emitiria esse pequeno ofego que tinha emitido antes enquanto descobria onde ele gostava de sentir seu cabelo?

Sentia tanta curiosidade que tinha que olhar. Abriu de repente os olhos.

Gil ainda estava recostado em seu canto da carruagem. Mas agora não parecia tão satisfeito consigo mesmo.

Já sabia que tinha um talento natural para isto, pensou Emma para si.

Permitiu que um sorriso aparecesse em seus lábios. Sei exatamente que lamenta não ter me tocado, monge, e logo disse em voz alta:

– Me diga aonde vamos de verdade, lorde Kerr. Resulta-me muito incômodo não conhecer meu destino.

– Espero que o conheça – grunhiu ele, mas em seguida, para sua decepção, inclinou-se para trás e fechou os olhos. – Já que desfrutaste de uma agradável sesta, peço-te que me desculpe enquanto faço o mesmo.

Emma sorriu de orelha a orelha ante sua cara supostamente adormecida. Este seu noivo era um digno oponente. Mas ainda não sabia que ela não se rendia nunca.

Voltou a amarrar a máscara enquanto ele fingia dormir. Voltava a sentir-se otimista.

Enquanto seu oponente não se dá conta da importância da competição, é mera bondade lhe conceder tempo para repensar sua estratégia.

Capítulo Onze

Dois minutos mais tarde a carruagem se deteve e um lacaio abriu a porta.

– Onde estamos? – Perguntou ela agarrando a mão de Gil enquanto descia, e lhe permitindo que lhe colocasse a capa de novo.

– No beco de trás do Hyde Park – respondeu ele.

– Ah! Há função esta noite?

– Não, mas… – bateu na porta com a bengala – espero que nos deixem entrar e… Olá Jeremy!

Um homem robusto com uma cabeça como uma noz e pequenos olhos redondos abriu a porta e olhou atentamente para fora.

– Quem é? Ah, sua senhoria – abriu a porta de tudo e se afastou. – Quer dar uma volta? – Não parecia sentir curiosidade, ou Gil levava habitualmente às mulheres ao teatro às escuras. – Será melhor que leve minha lanterna; tenho um pouco de sono e a escuridão não me fará bem.

Gil tomou a lanterna em uma mão e estendeu a outra para a Emma. Percebeu o forte aroma de cebolas no fôlego do Jeremy de uma estreita escada. A suas costas, Jeremy se deixou cair em um assento no oco das escadas, apoiou-se contra a parede, e um instante depois começou a roncar.

– Vem aqui frequentemente? – perguntou ela.

– Muitas vezes – respondeu ele. – Sou acionista do teatro. Agora estamos nos preparando para a estreia do *Sonho de uma Noite do Verão*. Pensei que você gostaria de ver os cenários. Já parecem.

– Ah, sim, eu gostaria muito – disse Emma.

O aroma familiar de pó e pintura lhes deu a boas-vindas quando Gil abriu a porta do final das escadas. No outro lado de um corredor estreito, moveu-se ligeiramente uma cortina. Pouco depois, Gil a afastou e se encontraram no cenário deserto.

– Um momento – disse ele.

Aproximou-se da parede. Por um segundo ela viu a chama de um papel e pouco depois, a luz o iluminou tudo de repente como se tivesse amanhecido.

– OH! – Exclamou Emma assombrada – Luz de gás no teatro! Nunca tinha ouvido tal coisa.

–Temo-la há só uns meses – disse Gil. – Usa paus de macarrão para pintar suas cenas do teatro? – Inquiriu.

– Certamente! – respondeu ela. – Os paus de macarrão são muito melhor que as pranchas. Antes que o senhor Tey os instalasse, tinha que cortar as cenas, coisa que me aborrecia. Sempre se via a linha do corte.

– Esta, certamente, é uma cena pintada – disse Gil assinalando para a lona. – Um homem chamado Samuel Grieve, pintou estes bosques para *O Sonho de uma Noite do Verão.*

O cenário representava um escuro bosque cheio de altas árvores que se inclinavam uns sobre outros. O chão estava coberto de pequenas flores púrpuras.

– É precioso – disse Emma, aproximando-se para examiná-lo. O senhor Grieve tinha pintado as flores proporcionadas de maneira que pareciam uma massa nebulosa.

– Acredito que seu teatro ainda não usa isto – disse Gil.

Cruzou o cenário, acendeu uma lamparina e puxou um cenário rígido. Este se deslizou para frente suavemente, aproximando-se sobre um buraco feito no chão de madeira. Parecia ser somente um marco, no qual estava esticado um tecido de seda colorida, embora com uma bonita e atrativa cor rosada.

– Para que serve isso? – Perguntou Emma.

– Dê a volta – respondeu Gil. – O vê?

Ele deu um leve empurrão. O cenário girou suavemente, e, de repente, Emma viu que a cena do bosque através da seda rosada tinha um aspecto completamente distinto. A luz caía primeiro sobre o tecido, lançando um precioso brilho sobre o bosque, sobre tudo nas pequenas manchas douradas colocadas entre as folhas.

– OH, Gil, que preciosidade!

Dirigiu-lhe um enorme sorriso, permanecendo de pé no meio do cenário

com as mãos apoiadas nos quadris.

– Assim é como lhe saíram esses calos nas mãos? – Perguntou ela.

– O que?

– Trabalhando com os cenários?

– Não. Pintar não é trabalho para um cavalheiro, e me surpreende que lhe permitam pintar cenários. É obvio, é uma viúva, mas ainda assim, a gente do teatro é notoriamente imoral. Não se preocupa com sua reputação?

– Pinto paisagens no isolamento de minha própria casa, e só uns quantos sabem – disse Emma. – Mas lamento suas provincianas ideias sobre os atores e as atrizes.

Gil passeou despreocupadamente pelo cenário e se colocou entre a transparência rosada e a cena do bosque.

– Vê? – indicou. – As fadas dançarão e brincarão atrás do tecido.

Emma piscou. Através da seda rosada, o musculoso corpo de seu noivo, parecia repentinamente misterioso e sedutor, como se fosse o rei das fadas.

– É Oberon, pois? – Perguntou rindo.

– Pode ser – respondeu ele. – Não usava máscara no baile – se agachou e agarrou uma coroa de flores de um banco. – Acredito que esta é a coroa da Titania. – tsk, tsk, abandonada no cenário, mas servirá – começou a declamar. –" Detenha-se, a erupção licenciosa: não sou eu o senhor das fadas?

Emma se sentiu perversa, o sorriso da rainha Titania curvou seus lábios. Jogou o cabelo para trás e passeou movendo os quadris sedutoramente.

"Então eu devo ser sua dama" – disse, olhando Gil por cima do ombro.

Podia notar a máscara brilhando em seu rosto, convertendo-a em uma verdadeira rainha das fadas. Deu uma ou duas voltas para que ele pudesse notar o rebolado de seus quadris, sacudiu o cabelo para que flutuasse no ar, do modo que o faria uma rainha das fadas. Pela extremidade do olho podia ver os brilhos que lançavam as manchas douradas do cenário, como se uma pequena tribo de fadas brilhassem nas árvores, esperando uma ordem.

Olhou a seu Oberon. Ele parecia desfrutar de seu peito.

– Agora deve me acusar de adultério – disse ele com voz rouca. – Titania acusa ao Oberon de ter uma amante.

Emma sacudiu a cabeça.

– Deve tratar-se de outra Titania. Meu marido nunca terá uma amante.

Ele começou a andar para ela, lenta e suavemente, mas com um objetivo.

– E como exatamente tem intenção de deter os costumes sedutores de Oberon?

Mas Emma acabava de compreender que havia mais molduras, com diferentes tecidos, esperando para sair. Tirou um e este se deslizou suavemente pelo sulco do cenário. O comprido braço do Gil passou por cima de sua cabeça e puxou o cenário, logo o fez girar sobre seu eixo de forma que a seda dourada derramasse seu resplendor sobre o bosque das fadas. As manchas de ouro pareciam estar mais perto agora, dançando fora das árvores.

– Engana a vista – disse Emma assombrada. – Parecem lâmpadas de cores.

Seu Oberon conhecia Shakespeare.

– Não dirigiram Teseo sob a trêmula luz da noite – perguntou ele, inclinando a cabeça e lhe acariciando os lábios com os seus– para a Perigenia, a quem enfeitiçou?

Emma descobriu repentinamente que gostava da palavra enfeitiçar. Deixou cair o pescoço enquanto ele a beijava. A boca de Tristan riscou um atalho ardente desde sua bochecha até seu queixo. Tinha a mente ofuscada e começava a lhe rodear o pescoço com os braços, quando de repente recordou a seguinte estrofe:

– Isso são falsos ciúmes! – disse ela, liberando-se e dançando através do cenário com um redemoinho de saias. Olhou para trás por cima do ombro e lhe dirigiu o ardente olhar da rainha das fadas

– Seduzindo a seu companheiro. Seduzindo e enfeitiçando a seu companheiro.

Ele riu.

– Não parece conhecer tanto ao Shakespeare como poderia esperar-se de uma dama "bem educada". Essa frase não é assim.

– Ah, mas não sou uma dama – disse ela, sentindo que já tinham superado essa etapa. Só para demonstrá-lo tirou uma de suas sapatilhas de seda. Saiu voando pelos ares, brilhante como a joia que era, e desapareceu depois do cenário abandonado.

– Suponho que posso te levar a carruagem – disse Gil com fingido desespero.

Emma lançou pelo ar o outro sapato, de uma patada. Este ricocheteou contra o anterior e ficou balançando-se.

Então começou a dançar detrás da seda transparente.

É fácil lhes dar a volta? – Perguntou.

– Certamente – respondeu ele. – Às moças que se fazem de fadas gostam de fazê-los girar.

– Entendo por que – disse Emma surpreendida pelo engenhoso do artefato, já que com um simples puxão, a seda girava sobre seus chamativos brilhos dançando por todo o lugar, brilhando sobre o cabelo negro do Gil, sobre suas magras bochechas e sobre aquele sedutor lábio inferior dele.

Ele afastou o cabelo dos olhos quando lhe olhou.

– É muito bonito – disse ela assustada de ouvir o rouco de sua própria voz.

– Diz-o como rainha ou como Emelie? – Perguntou ele sorrindo.

– Uma mulher percorreria milhas por provar esse lábio – recitou ela distraidamente.

– Tsk, tsk – disse ele com um sorriso na voz. – Está mesclando as obras.

Otelo, e em um contexto tão triste.

– Titania não viajaria nenhuma jarda para acariciar o lábio de um homem – disse ela afastando a seda rosada um pouco de forma que girou o suficiente para pôr uma barreira entre eles.

– Talvez não – disse ele, divertido, e logo ela viu como as palavras morriam em sua boca.

Porque tinha levantado à saia de brocado e estava esticando lentamente uma perna; foi enrolando devagar a meia de seda. Era uma meia preciosa, feita com a mais suave das sedas.

Ele emitiu um grunhido estrangulado. Ela terminou de tirar à meia, esticou os dedos do pé e tomou um momento para admirar a perna. Sempre tinha pensado que suas pernas eram o mais atrativo de si mesma.

Emma jogou uma olhada a Gil. Era evidente que ele também o pensava.

Dirigiu-lhe um íntimo sorriso.

– Emelie! – exclamou ele. – Deixa de fazer isso. É absurdo.

Em resposta, ela subiu toda a anágua e desatou a segunda liga. Um momento depois, a meia escorregava por um pé esbelto e a jogou por cima do ombro.

– Insisto que não te dispa no cenário – ordenou ele, mas Emma o ignorou.

Havia ocasiões nas quais um homem deveria saber quando podia – podia – ser obedecido, e havia outras nas quais tinha que entender qual era seu lugar.

– Não – disse ela, olhando-o um olhar brilhante e malicioso. – Tenho calor.

– Calor!

Só lhe custou um segundo desatar o apertado sutiã e tirá-lo pelos ombros, deslizando suas amplas mangas pelos braços. Ele emitiu outro som na escuridão, como uma besta selvagem, quando o sutiã caiu ao chão. Certamente, ela não era quem poderia dizê-lo, mas seus peitos tinham um aspecto magnífico. O pequeno espartilho os levantava e se esqueceu de vestir calções... Era uma experiência deliciosa e estranha.

Sacudiu o cabelo; o qual formou redemoinhos ao redor de seus ombros como uma carícia. Um lento calor começou a arder em seu ventre.

Lorde Kerr – lhe chamou, – não posso tirar as saias sem ajuda. Como pode observar o vestido está formado por duas partes.

Ergueu a vista, Gil se apoiava contra a tela rosada de seda, rindo silenciosamente. Piscou ao lhe olhar.

Supunha-se que ele não devia rir dela. Supunha-se que tinha que estar cheio de luxúria, ao limite de seu autocontrole, voltando-se um sátiro. Ou um pouco parecido a isso.

– Te disse que começo a sentir cada vez mais compaixão por esse digno burguês que vai ser seu futuro marido? – Perguntou ele.

Emma começou a tentar puxar a parte dianteira para poder soltar toda a fila

de botões ela mesma. Já que Gil não estava bêbado – e aparentemente nunca mais voltaria a está-lo – ia ter que confiar em uma grande quantidade de carne feminina exposta para lhe pôr em um estado de ânimo mais dócil.

Enquanto começava a soltar os diminutos botões que seguravam as saias, Gil, aparentemente, entendeu o que pretendia fazer.

Houve uma clara nota de advertência de sua voz nesta ocasião.

– Devo lhe pedir outra vez. Por favor não te dispa no cenário do Hyde Park Theather.

– Por que não? – perguntou ela. – Naturalmente esperava ter estado no Grillon. Tenho debilidade pelos lençóis engomados, mas uma mulher deve estar preparada para desfrutar de prazeres inesperados quando se apresentam.

Algo no movimento de sua mandíbula a levou a pensar que possivelmente as mulheres do povoado tinham subestimado a força de vontade de um conde quando falavam de mulheres nuas. Mas já tinha ido muito longe para deter-se agora. O último botão se soltou e, com um movimento de quadris, as pesadas saias caíram ao chão arrastando as anáguas com elas.

Ela não usava nada mais além do pequeno espartilho com baleias, um engenhoso objeto interior que pressionava seu estômago fazendo ressaltar seus peitos. Levantou a cabeça lentamente, para lhe olhar, notando como se deslizava o cabelo por suas costas nuas.

Os olhos de Tristan estavam escurecidos, semi entornados, e ainda apertava a mandíbula. Inclinou-se como se ela fosse um objeto de um circo que encontrou; uma mulher nua sobre o cenário; uma francesa mais entre centenas delas. O assunto não ia funcionar. Deveria agachar-se, recolher as pesadas saias e voltar-lhe a pôr para não seguir vendo a indiferença em seus olhos. Era uma situação profundamente embaraçosa. Estava além da humilhação.

Mas era uma mulher com antepassados Tudor, e um caráter bastante feroz que nunca lhe tinha permitido afundar-se ante os contratempos. Era Emma. Pintava cenários. Tinha deliciosos vestidos. Podia apanhar a um desses parvos presunçosos do baile de máscaras e casar-se com ele em menos de doze minutos, tanto com vinte e quatro anos como com trinta e quatro.

A opressão em seu peito se reduziu um pouco. Depois todo o teatro estava quente e a luz dos abajures de gás lhe sentava bem. Se por acaso fosse pouco,

era uma rainha nua, Titania.

De todos os modos a decepção e o ressentimento se misturavam em seu coração. Possivelmente fosse um eunuco. Possivelmente esses seis meses em Paris tinham acabado com sua virilidade.

Voltou a olhar para o Gil. Estava franzindo o cenho e apertava com tal força a mandíbula que parecia um vigilante noturno esperando que o ladrão terminasse de descer pela escala. Mas… mas…

– Maldita seja! – Grunhiu ele com voz grossa pela ira? Ou ressentimento? Outra coisa?

Lhe obsequiou com um sorriso. Não era um sorriso francês parvo e sensual. Era um sorriso com um pouco alegria, um convite secreto.

– Maldita seja! – Repetiu ele.

– Juras demais – observou ela, entrecruzando as pernas enquanto continuava de pé. Depois de tudo não estava acostumada a estar nua. Embora não estava nua em realidade. Ainda levava o espartilho e a máscara. Mas era dolorosamente consciente dos cachos avermelhados que apareciam por debaixo da renda inferior do espartilho.

– Sou um homem prudente – disse ele. – Um homem sóbrio.

– Não te ofereci um brandy.

– Não o disse nesse sentido. Não viro as esquinas deixando voar as rédeas. Não jogo minha fortuna nos jogos de dados. Não faço… – as palavras, aparentemente, lhe entupiram na garganta.

Emma levantou ligeiramente uma perna, pensativa, olhando a forma em que a luz, ao atravessar a seda rosada, punha um tom cremoso em sua pele. Mas quando voltou a lhe olhar, ele não estava observando as atrativas sombras do tecido, se não os cachos que havia entre suas pernas.

– Oh, de acordo – disse ela voltando ao acento francês como se nunca se esqueceu dele. – Assim é a vida não? Terei que procurar a outro para ter meu último caso antes de me casar com o burguês.

– Outro? – Perguntou ele.

– Vá, pois claro – respondeu ela afastando-se dele e agachando-se para recolher o sutiã. Era tão pesado que permaneceu agachada um momento,

tentando encontrar as mangas antes de levantá-lo do chão.

Quão seguinte notou foi um corpo, pesado e quente, inclinando-se sobre ela. Ficou imóvel durante um instante. Gil estava vestido, e a sensação de sua camisa de linho nas costas e da lã de suas calças contra a parte inferior de seu corpo…

Seu coração começou a retumbar com um ritmo desigual como se um cavalo se desbocou e corresse pelo bosque.

Umas mãos grandes se meteram entre seu cabelo, levantando-o por cima de sua cabeça de forma que caiu até o chão. Seu corpo permaneceu quieto, mantendo-a agachada, apanhada com seu peso, lhe sentindo.

– É um cavalheiro prudente – lhe recordou ela com um leve tremor na voz.

Ele empurrou ligeiramente para frente contra seu traseiro e ela quase caiu no chão, por causa da repentina debilidade de seus joelhos.

– Inclusive os homens mais prudentes perdem a razão às vezes – grunhiu ele em seu ouvido. Seus dedos tinham deixado de lhe acariciar o cabelo e agora se deslizavam perigosamente por seu pescoço, obrigando-a a incorporar-se enquanto escorregavam até seu peito, atraindo seu desnudo corpo contra o seu, vestido.

Durante um momento ela se perguntou o que deviam parecer através da tela de seda, a palidez dela em contraste com a roupa negra dele, sua magreza contra seu corpo musculoso, seu cabelo vermelho em oposição a seu selvagem cabelo de cigano.

Parecia que as mulheres do povoado tinham razão quanto às mulheres nuas depois de tudo; simplesmente, um cavalheiro custava um pouco mais perder o controle.

Lhe cortou a respiração quando Gil cavou uma mão ao redor de um de seus peitos, acariciando o mamilo, obrigando-a a apertar os dentes para não gemer em voz alta.

– Diga-o – ordenou ele.

Mantinha-a arqueada contra ele, uma de suas mãos no peito e a outra deslizando-se sob o espartilho, Ele a tinha arqueada contra ele agora, uma mão em seu peito, outra deslizando-se sobre seu espartilho, brincando com a parte inferior, cada vez mais abaixo. Os lábios dele arrasaram seu pescoço e ela

separou de novo os lábios quando o polegar lhe roçou o mamilo, fazendo-a mover-se contra ele, procurando algo, insegura, mas…

– Dizer – ofegou ela. – Que devo dizer?

– Volta a fazer esse som, que fez na carruagem quando tentava me seduzir.

Ela ofegou, tentando colocar um pouco de ar em seus pulmões. A mão se moveu pouco a pouco, cada vez mais perto, mais abaixo, seguro que não se atreveria ao dedo se afundou em sua suavidade de uma vez que o polegar voltava a roçar seu peito. Ela não emitiu o sensual ofego que ele pedia, se não um chiado.

Não lhe importou. Não lhe importou. Sua cabeça caiu contra o ombro dele e lhe deixou fazer enquanto ele a segurava com as mãos, lhe acariciando com os lábios as bochechas, o canto da boca e a curva de sua garganta, enquanto suas mãos seguiam exercendo sua magia. Mal notou quando lhe separou as pernas, quando suas mãos adotaram um ritmo mais rápido, mais decidido, quando ficou claro que ele não tinha permanecido sempre bêbado nos meses passados em Paris. Aparentemente tinha aprendido algumas coisas importantes.

– É obvio – sussurrou ele em seu ouvido– nunca faria nada parecido a uma dama nascida e criada na Inglaterra. Mas você é francesa. Em Paris aprendi que as francesas são terrivelmente exigentes.

– Sim – ofegou ela.

Seu polegar voltou a atormentá-la.

– Uma inglesa corretamente educada nunca permitiria que lhe fizesse algo tão depravado – disse ele com malícia.

Não tinha porque pôr tanto ênfase, pensou Emma fracamente. Mas ele a fazia arquear-se para trás contra ele, ofegar e suplicar por algo que só ele podia…

– Poderia dizer que é parisiense em um segundo. Por que se tocasse assim a uma dama inglesa – roçou o mamilo com o polegar e depois apertou, – gritaria de pura indignação.

Emma já não prestava atenção alguma a sua insensatez. Limitou-se, em troca, a arquear-se contra sua mão e deixar que saíssem os sons que tinha preso na garganta, ecoando entre as vigas do teto, quer dizer, até que sua mão se deteve.

Foi um engano por sua parte. Tinha estado a ponto de acontecer algo sem precedentes. Tinha parecido como se o edifício inteiro tremesse…

– Que diabos faz? – Perguntou em um excelente e antiquado inglês anglo-saxão.

Sua voz também pareceu um pouco mais grossa, o qual não a tranquilizou em absoluto.

– Acreditei que podia ter problemas – disse ele, – para te levantar.

Ela se separou dele e virou-se com as mãos nos quadris e os olhos entrecerrados. De repente recordou que este era seu futuro marido e que tinha que aprender umas quantas lições antes de aceitar seu anel, seu filho e todo o resto.

Notava o espartilho muito apertado, de modo que se entreteve um momento em desatá-lo enquanto ordenava suas ideias. Ele a estava olhando com tanta atenção como só podia fazê-lo um homem, assim que tomou seu tempo, massageando seus pobres peitos enquanto o fazia. Ninguém podia imaginar quão duro era para eles permanecer erguidos durante horas, convertidos em objeto dos olhares de todo homem em milhas ao redor. Finalmente afirmou as fitas da máscara, coisa que fez com que se levantassem os peitos do modo mais sedutor.

Logo, quando acreditou que lhe tinha castigado o suficiente – a verdade é que notou que ele parecia respirar com bastante dificuldade – se afastou dele e se inclinou para recolher o casaco. Ouviu-lhe arranhar com os pés o cenário e se incorporou dizendo imperiosamente:

– Não te mova!

Ele se deteve e a olhou jogando faíscas pelos olhos.

Emma era uma dama dos pés à cabeça, de modo que se tomou seu tempo colocando a capa, assegurando-se de que o cabelo a favorecia.

– Agora – disse, voltando a cabeça para o homem que se abatia sobre ela– me permita te dizer que sou francesa.

As comissuras da boca de Gil se curvaram.

– Demoramos para nos zangar, mas quando o fazemos somos ferozes – disse ela. – De fato é possível que sejamos a raça mais feroz da Terra. E já que todo

mundo sabe que as mulheres são muito mais violentas que os homens, seria demais dizer que a mim, como mulher e como representante de meu país, terá que me temer.

Ele tinha os braços cruzados sobre o peito e estava sorrindo de orelha a orelha, mas ela não era estúpida. Gil estava tenso como a corda de um violino. – Agradeceria-te que apagasse todas essas luzes – disse ela. – Me parece que vou tirar a máscara.

Ele o fez. A única luz que ele deixou foi o débil brilho da lanterna do Jeremy, abandonada na esquina mais afastada, e certamente não dava suficiente luz para que Gil a reconhecesse em caso de que recordasse o rosto de sua prometida. Emma tirou a pesada e luxuosa máscara e a depositou de lado. Custava-lhe distinguir o Gil; era só uma vaga forma alta, mas podia lhe sentir: sentir seu desejo por ela, tão inevitável como uma faísca na folhagem.

– Concedo-te que, dada sua nacionalidade, seja um pouco lento para aprender – lhe disse, severamente, a grande e escura sombra que era seu futuro marido– mas chegou o momento de lhe dá o troco.

– Hmmm – foi tudo o que disse ele, mas pareceu mover-se para a direita como se fosse incapaz de evitá-lo, de maneira que lhe permitiu tomar-se seu tempo.

Não lhe custou mais de um segundo voltar a levá-la a esse importante momento que demonstrava que realmente tinha aprendido algo em Paris.

E esta vez, não se deteve.

Seu corpo dançava uma melodia sob seus dedos, como se fosse uma marionete. Ofegou e gritou oferecendo-se a ele...

Quando voltou para a realidade, ainda estava deitada sobre sua própria capa de veludo, olhando as poeirentas vigas do teto. Gil estava de joelhos ante ela. Cada centímetro de seu corpo tremia como se a tivesse alcançado um raio chamuscando-a e consumindo-a, queimando-a e enchendo de desejo.

Suspirou e enfocou sua cara. Tinha que haver algo mais. De fato, sabia que o havia. Ele tinha tirado a camisa mas continuava vestido. E inclusive olhando-a com desejo nos olhos e embalando o peito dela com a mão, havia algo em seus olhos que indicava que acreditava ter ganhado.

Ganho?

Ela nem sequer tinha começado a lutar.

Devagar, para não lhe assustar e correr o risco de que voltasse a vestir camisa e recordasse seu juramento de não voltar a deitar-se com nenhuma mulher; especialmente francesa, conforme suspeitava; esticou-se. Os olhos dele eram como líquido negro, enquanto contemplava como se arqueava seu corpo.

– Deduzo – disse– que segue decidido a não me fazer nenhum favor.

– Esse tipo de favores deveriam estar reservados para o homem com quem te case – mas sua mão voltou a posar-se sobre seu peito.

Ela se arqueou, emitindo em sua garganta esse som que lhe gostava e parecia surgir espontaneamente sempre que a tocava. Assentiu como se entendesse e não pensou que fosse idiota, coisa que, francamente, tinha começado a acreditar seriamente.

– Nesse caso, gostaria de sugerir-lhe que os cavalheiros permitam às damas corresponder. Não ao favor, claro, já que não deseja me conceder meus desejos.

Simplesmente… – olhou aos olhos e sustentou seu olhar– … corresponder.

Ele franziu o cenho.

– O que…

Afastou-lhe as pernas e lhe empurrou o ombro com cuidado, até que ele finalmente caiu de costas com um sorriso torcido. Pelo único que sabia da anatomia masculina (sobre tudo devido aos recém-nascidos), podia dar-se conta, vendo a enorme protuberância que tinha aparecido em suas calças, que havia uma enorme diferença entre um bebê de uma hora de vida e um adulto de trinta e dois anos.

Mas ele parecia uma ave na natureza: se lhe assustava, sairia voando. Então se ajoelhou a seu lado como se não notasse o vulto em suas calças, e lhe passou as mãos pelo cabelo. Tinha um cabelo indômito e grosso como o seu. Deslizou entre seus dedos cheirando a fumaça e a algum tipo de sabão, masculino, intenso e sem perfume definido.

Ele não protestou, de modo que deixou que seus dedos falassem por ela.

Tinha uma testa limpa, típica de um homem inteligente, um homem que conhecia Shakespeare, o Parlamento, e a maneira de não cair de uma carruagem em movimento. E como fazer com que uma mulher se apaixonasse por ele em

uma só tarde. Seu nariz era orgulhosamente aristocrático, herança de seus antepassados isabelinos. Sua boca… bom, sua boca tinha tudo. Um sorriso sardônico, e alegre. O sensual lábio inferior parecia refletir sofrimento e – a não ser que estivesse muito equivocada, e Emma nunca se confundia – estava desejando lhe beijar os peitos.

Aos homens gostava de beijar os peitos das mulheres, mas até agora Gil se limitou a acariciar-lhe aproximou-se mais a ele e pensou em lhe oferecer um, mas o pensou melhor. Por um lado, parecia um gesto muito maternal. Por outro, seus olhos cor violeta permaneciam tão fixos e limpos que não pôde reunir suficiente coragem. E por último, não parecia adequado. Ou o tinha entendido mal quando as mulheres do povoado comentavam que os homens amamentavam seus peitos como se fossem crianças.

Inclinou-se para trás e deslizou as mãos por suas enxutas bochechas passando por seu pescoço até os músculos que sulcavam seu peito. Seriam todos os homens igualmente musculosos? Seus mamilos mal se sobressaíam, abriu ligeiramente a boca quando ela os tocou, embora não emitiu nenhum som.

Seria agradável lhe ouvir grunhir. Sem lhe olhar aos olhos, voltou a passar os dedos por seu peito, mas ele seguiu em silêncio, esperando.

Ainda tinha as calças fechadas, mas não estava segura de que lhe permitisse lhe despir. Estava segura que isso não satisfaria sua tendência puritana.

Inclinou-se e o cabelo caiu para frente, criando uma cortina ao redor das caras de ambos. Então voltou a lhe lamber o lábio inferior. Uma mulher podia passar a vida beijando essa boca, sentindo os tremores de seu estômago, a suavidade de seu lábio e sua força.

Uma enorme mão a agarrou pela nuca e a obrigou a baixar a cabeça; nesse momento ela permitiu que sua mão direita se pousasse em seu ventre, na braguilha das calças. Ele ficou rígido por um momento, com sua ardente boca sobre a sua e seus dedos se fecharam em torno dele como se tivessem vontade própria, então ele gemeu, um estranho som rouco que fez com que lhe dobrassem os joelhos de maneira que caiu sobre seu corpo, fundindo-se com ele.

Sua boca devastava a dela, tinha a mão presa entre seus corpos, entre a suavidade de sua pele e o tecido de suas calças.

E logo Emma abandonou a ideia de vencer esse desafio. Se Gil a beijava mais, se a beijava durante cinco minutos, permitindo que sua mão continuasse nessa parte dele que pressionava contra sua palma, exigindo algo que ela imaginava, mas que estava impaciente por descobrir…

Era a primeira vez que renunciava por completo a ganhar. Quem se preocupava por isso? Quão único importava é que ele se balançava sobre ela, lhe separando as pernas com os joelhos – a carícia de suas mãos… Então ele grunhiu algo.

Repetiu-o.

– Rendo-me.

Ela fechou os olhos, mas lhe ouviu perfeitamente. Em um instante ela começou a lutar para chegar aos botões da braguilha. Mas as apertadas calças dos cavalheiros não se deslizam de suas pernas sem ajuda.

Ele soltou uma gargalhada e ficou de pé. Ela permaneceu ali, elevando o olhar para ele, sabendo que o único que se via dela era pele branca e cabelo vermelho. Ele a estava olhando, então ela fez exatamente o que desejava fazer: separar as coxas só um pouco. O suficiente para que suas bochechas avermelhassem ao mesmo tempo em que o fogo em seu ventre a consumia.

Ele lançou as calças para um lado, seguidos da cueca. A débil luz da lanterna do Jeremy, suas pernas eram como ouro escuro, sulcadas de músculos e pelos. E mas acima… a cor aumentou em suas bochechas, mas não olhou mais à frente.

Ela fingia ser viúva, mas não ia pretender estar menos interessada do que estava.

Ele se ajoelhou a seu lado, mas em vez de lançar-se sobre ela como Emma esperava, cavou as mãos ao redor de seu rosto.

– Casará-te com esse burguês adequado para ti dentro de quinze dias de acordo? – disse-lhe ferozmente.

Ela assentiu, lhe olhando, perguntando-se como tinha conseguido o amor pegá-la e apoderar-se de seu coração com tal ferocidade que nunca lhe deixaria escapar. Aqueles olhos da cor das endrinas, aquela franja sobre sua testa, essas magras bochechas…

– Farei-o – sussurrou. E seu coração disse: Vou casar-me contigo dentro de

quinze dias.

– Bem – disse ele como se tivessem chegado a um acordo. – Nesse caso me rendo. Farei-te esse favor. Lamento haver me esquecido, ter estado bêbado em Paris, haver…

Ela não escutava. Ele tinha uma mão sobre a parte inferior de seu corpo, deslizou-se entre suas pernas abertas, e logo… logo a penetrou.

Doeu-lhe, mas não muito.

Seu sangue cantou e trovejou ao mesmo tempo.

Seus olhos se fecharam, e ainda assim sentiu que podia ver por cada poro.

Ele se deslizou em seu estreito canal e voltou a fazer esse som rouco com a garganta, ou talvez foi ela quem o fez; logo ele voltou a mover-se e ela se abandonou aos desejos de seu corpo, arqueando-se para ele, lhe incitando, lhe ensinando, lhe mantendo perto e dele.

Ele era um bom aprendiz para ser inglês.

Certamente, ela era francesa, e as francesas são as aprendizes mais rápidas do mundo.

Capitulo Doze

Saíram pela porta principal. Gil deixou apagada a lanterna do Jeremy aonde pudesse encontrá-la pela manhã.

Nenhum dos dois parecia ter vontade de falar. Emma tinha um nó na garganta, possivelmente fossem lágrimas. Poucas vezes chorava e só se havia uma muito boa razão, de modo que isso não podia ser. Pensando nisso, a última vez que tinha chorado de verdade tinha sido no enterro de sua mãe.

Seu luxuoso vestido isabelino estava agora enrugado e era insuportavelmente pesado. Estava desejando entrar em seu quarto em Grillon e derrubar-se na cama tentando não pensar nessa noite.

Tinha ganhado. Seu pai tinha o anel de Gil guardado em lugar seguro e ela tinha feito sua parte, isso era tudo.

Gil foi de uma deliciosa cortesia, ajudando-a a subir na carruagem como se fosse feita de cristal. Despediu-se dela ali, com um suave beijo nos lábios.

– Espero – disse– que considere minha dívida saldada, madame Emelie.

O que ela podia responder? Que a dívida em que acabava de incorrer lhe custaria toda uma vida pagá-la?

– Certamente – respondeu lhe dando um ligeiro beijo. – É livre, milord.

– Gil – disse ele.

Mas depois disso, não disseram nada mais.

Quando ela estremeceu involuntariamente ao descer da carruagem, ele insistiu em escoltá-la e subiu com ela as escadas do Grillon. Emma deu graças ao céu por levar posta a máscara; a aventura se espalharia por toda Londres antes que aparecessem as crônicas de sociedade do dia seguinte. Deviam ser aproximadamente às três da manhã, e os que tinham ido a Londres expressamente para o baile de máscaras, começavam a dirigir-se à cama nesse momento. Estavam reunidos em pequenos grupos entre as colunas do vestíbulo.

O gerente, o senhor Fredwell, viu-lhes entrar e se apressou a aproximar-se dela.

– Madame Custine! – Exclamou encarregando-se da situação de uma olhada. – Deve haver-se torcido o tornozelo.

– Certamente – disse Gil com tranquilidade. – Acredito que seria melhor para madame se pudesse enviar dois lacaios que a levassem em uma cadeira até suas acomodações.

Produziu-se um murmúrio de vozes similar ao vento passando entre os álamos. Aparentemente, o conde de Kerr não ia levar a essa misteriosa francesa até seu dormitório nos braços, garantindo desse modo sua aparição em todas as crônicas de sociedade dos jornais da manhã.

Em lugar disso, e para decepção de todos, depositou-a em uma cadeira, fez um gesto com a cabeça ao senhor Fredwell, e abandonou o lugar sem nem mesmo um olhar, baixando rapidamente os degraus como se não a tivesse tirado do salão de baile, disparando centenas de rumores e milhares de deliciosas conjeturas.

Emma engoliu com força e não permitiu que lhe importasse o fato de que seu futuro marido era o tipo de homem que se deitava com uma bonita francesa, ordenava-lhe casar-se com seu noivo sem demora e logo desaparecia sem uma palavra de despedida. Depois de tudo, Gil era como era. E para desgraça dela, amava-lhe. Levantou-lhe um pouco o ânimo quando os lacaios se foram e sua própria donzela se aproximou, queixando, para ela.

– Ai senhorita! Que lhe aconteceu? Torceu o tornozelo de verdade?

Emma fingiu uma claudicação cheia de graça e permitiu que a metesse em uma fumegante banheira perfumada com aroma de rosas, desse-lhe com uma infusão e a metesse na cama de engomados lençóis como se fosse uma inválida.

Seu dormitório dava ao grande pátio interior do Grillon. O som das risadas e das vozes se desvaneceram lentamente e ela seguia completamente acordada, com a camisola sem uma só ruga, amarrada ao pescoço com uma fita azul, e olhando as estrelas. O quarto tinha um pequeno balcão de ferro forjado, similar aquele no qual passeava Julieta.

Elas estavam muito longe, pequenas e frias e muito diferentes dos pequenos brilhos dourados que ainda dançavam nas esquinas de seus olhos. Começou a imaginar a maneira de usar os cenários transparentes para revolucionar os cenários do senhor Tey, mas renunciou antes de tentá-lo sequer. Não queria

pintar mais paisagens. E não só porque o cenário do Grieve fosse melhor que os seus. Por alguma absurda razão, sentia-se como se ela tivesse tirado a virgindade do Gil. Absurdo. Então por que tinha tanta tristeza?

As nuvens seguiam movendo-se sobre a lua, parecendo navios, fragatas, navios em rota para a França e para todas essas encantadoras e irresistíveis francesas. Por fim dormiu, sem dar-se conta de que tinha as bochechas molhadas.

Capítulo Treze

Ao dia seguinte Emma voltou para Saint Albans e esperou até que Gil entrasse em contato com ela. Passou um dia. E outro. Bethany lhe enviou uma carta repreendendo-a, e uma antiga amiga do colégio lhe escreveu lhe contando o escandaloso comportamento de Gil no baile de máscaras dos Cavendish. Pelo que dizia todo mundo, tinha abandonado o baile com uma francesa. Emma sorriu para si mesmo. Transcorreu outro dia.

No transcurso do terceiro dia, Emma recebeu uma carta de sua prima. Parecia que Kerr tinha estado dançando toda a noite anterior com a esposa de um diplomático francês e se falava de um duelo. Essa carta foi como um duro golpe.

Compreendeu de repente que não tinha previsto que Gil se sentisse tão deslumbrado por Madame Custine, que não chegasse a saber quem realmente era. Não tinha pensado que seu futuro marido fosse o tipo de homem que se deitava com uma bela francesa e não tentasse averiguar onde vivia.

Entretanto parecia que Gil era exatamente assim.

Enquanto foram passando os dias, o conde de Kerr se mostrou tão pouco comunicativo como durante os três anos anteriores. Então, por fim, Emma foi falar com seu pai, o qual prestou atenção a sua filha só o tempo suficiente para estar de acordo com ela em que possivelmente o compromisso tivesse sido um erro.

Kerr respondeu a carta do seu pedido de ruptura do contrato. O mais provável é que tivesse estado esperando essa carta. Depois de tudo que fez para ultrajar a sensibilidade de sua prometida. O correio desta estava alagado de cartas descrevendo à beleza loira que lhe acompanhava na carruagem pelo Hyde Park; a pesar da cor de seu cabelo, ninguém tinha nem a mínima dúvida da nacionalidade da mulher.

Em seu íntimo, Emma tinha chegado a entender que ao ganhar podia também perder. Não queria Gil nas condições que ele tinha jogado como um desafio. Além disso, isso de "um filho no ventre" devia necessitar mais de uma

noite, como tinha descoberto duas semanas antes. Tampouco lhe queria nos términos que tinha acordado seu pai. Embora não o tivesse entendido ao princípio, nunca tinha sido coisa de ganhar.

Agora tinha um novo plano.

Ia romper o compromisso e logo iria a Londres, como a rainha Titania e escolheria a seu companheiro.

E se resultava ser um conde com as iniciais GB-G, certamente seria uma sorte.

Respondeu à carta e disse ao conde que não via absolutamente nenhum motivo para que se vissem em pessoa. De fato, o dia que ele propunha ir a Saint Albans, ia estar ocupada e preferia que o assunto resolvessem seus respectivos advogados. Com esse fim incluiu o nome do advogado de seu pai, o senhor Prindle e se despedia dele com os melhores desejos etc, etc.

Mas Kerr era um homem obstinado. Embora se mostrasse de acordo com ela em que o melhor para ambos era que se dissolvesse o compromisso que, acrescentava desnecessariamente, acordou-se sem o consentimento de nenhum deles, entretanto lhe parecia que era seu dever que tratassem esse delicado assunto cara a cara.

"Estarei ali amanhã, terça-feira, às quatro da tarde", terminava.

Emma olhou fixamente a carta. O coração quase lhe saía do peito por causa do amor e o desejo. E o que era pior: encontrou-se deitada na cama de noite, recordando uma e outra sua vez primeira noite juntos. Embora ele, pelo que dizia as pessoas, tinha desfrutado de tantas noites como essa em sua vida que se esqueceu da metade delas.

Emma parecia não esquecer nem o mais leve detalhe por muito que o tentasse. Praticou seu arco e flecha. O braço lhe roçou um peito quando esticou a corda, e uma pontada de desejo lhe percorreu as costas ao pensar na boca de Gil. Tomou um banho e esfregou as pernas com azeite de rosas, uma ação simples e inocente que tinha feito todos os dias desde que nasceu. Mas já não era simples. Nem inocente.

Gil a tinha mudado. Mas ele não tinha mudado, e sabê-lo a deixava com um sabor amargo na boca.

Embora não bastava para fazê-la mudar sua decisão.

Ia anular o falso compromisso, iria a Londres sem nenhum tipo de disfarce, e lhe obrigaria a suplicar de joelhos para que lhe deixasse tomar com ela as mesmas liberdades que as francesas lhe permitiam com tanta generosidade. Uma vez decidida, encarregou mais de uma dúzia de vestidos madame Maisonnat.

À manhã seguinte nem sequer estava nervosa. Isto não era um jogo. O jogo começaria quando fosse a Londres, à casa de sua irmã, no prazo de uma semana. Isto era simplesmente o prelúdio.

Sua donzela a penteou com umas tranças enroladas sobre si mesmas das quais tirou uns cachos para que caíssem sobre suas orelhas. Quando colocou uns discretos brincos de esmeraldas e abotoou os diminutos botões de um dos vestidos de inspiração militar desenhados por madame Maisonnat, não lhe tremeram os dedos. Era um general preparado para liderar uma importante batalha. Finalmente se olhou no espelho. Certamente, ele podia reconhecê-la. Não tinha usado a máscara nem na penumbra da carruagem nem na escuridão do teatro. Mas não acreditava que o fizesse. Tinha a sensação de que o conde de Kerr era um homem que ia à conquista das mulheres sem as olhar atentamente. Depois de tudo, acreditou em seu conto sobre Emelie.

Não, provavelmente não a reconheceria. A posta em cena era importante, e o grande encanto do vestido de madame Maisonnat não tinha nada a ver com uma exuberante exibição dos seios. Não se tratava do vestido de uma francesa exuberante, se não do de uma inglesa séria e responsável, disposta a romper seu compromisso com uma oferta de amizade e a reconhecer o desgosto de ambos por um matrimônio consertado segundo os desejos de seus respectivos pais.

Ele a estava esperando na sala de visitas quando ela entrou fazendo um gesto ao mordomo para que fechasse as portas sem anunciá-la. Gil estava apoiado na janela que dava ao jardim de macieiras. Durante uns instantes se deu um festim contemplando suas coxas, o cabelo que lhe frisava à altura do pescoço e o impaciente tamborilar da bengala contra suas botas.

Desejava-lhe, reconheceu com surpresa.

– Lorde Kerr – disse com serenidade, lhe oferecendo a mão enquanto se aproximava dele, – é um verdadeiro prazer lhe ver.

Ele se voltou. A ela lhe deteve o coração. Mas… não aconteceu nada.

Ele não mostrou nenhum sinal de reconhecer a Emelie. Pelo contrário,

inclinou-se ante ela e levou sua mão estendida aos lábios.

– Não sei como me desculpar por minha prolongada ausência, senhorita Loudan.

Ela inclinou a cabeça de modo impessoal, com a quantidade justa de aceitação.

– Não quer sentar-se, milord? – Assinalou uma poltrona, mas em lugar de sentar-se no lugar que lhe indicava, fez-o a seu lado.

Cada célula de seu corpo voltou repentinamente para a vida com seu aroma, sua proximidade e seu desejo por ele.

– De modo que gostaria de anular nosso compromisso – investigou ele.

Emma ocultou como pôde a onda de decepção que a alagou. Pensaria nisso mais tarde. Conhecia os defeitos de seu amante quando se tratava de aventuras amorosas; a ideia de que, para ele, ela não era nada além de uma mulher a mais, não a surpreendia.

Assentiu.

– Acredito que seria o melhor – abriu a bolsinha e tirou o elaborado anel que o pai dele tinha enviado ao dele como sinal do acordo.

Ele abriu a mão sem vacilar e ela o deixou cair na palma. Não confiava em si mesmo para lhe tocar nem sequer de passada.

– Devo dizer que o agradeço – disse ele. – Desejava dizer-lhe em pessoa, senhorita Loudan. Embora, como homem de honra, nunca tivesse dado por terminado nosso compromisso, a verdade é que desejo me casar com outra mulher. Roubou-me o coração, embora soe estúpido. De modo que lhe agradeço muito sua decisão.

– Nunca nos teríamos dado bem – disse ela rapidamente, já que a angústia ameaçava derrubá-la e começaria a gritar– Os compromissos infantis são uma relíquia do passado.

– Certo – respondeu ele sorrindo cordialmente. – Claro que aos isabelinos gostava dessas coisas e lhes pareciam úteis.

– Muito.

– Eu gosto bastante dos costumes isabelinas – disse ele, evidentemente para dissimular o fato de que, embora tinham estado comprometidos desde meninos,

não tinham nada que dizer-se.

– De verdade? – Murmurou Emma, perguntando-se onde estaria seu pai.

Tinha-lhe prometido que apareceria na sala para presenciar toda o encontro. Claro que provavelmente teria decidido reler algum artigo sobre os costumes alimentícios dos babuínos e teria se esquecido da visita do Kerr.

– Quase tanto como os costumes franceses – acrescentou ele.

Emma franziu o cenho. Isto era muito! Não só tinha convertido a ambos na chacota de Londres com sua obsessão pelas francesas, e ainda se atrevia a lançar-lhe à cara.

– Já tinha me informado – disse rigidamente.

– De modo que de verdade deseja você anular nosso matrimônio? – Perguntou ele.

– E mais agora que me disse que deseja casar-se – observou ela com voz gelada.

– É encantadora – assinalou ele pensativamente. – Lamento muito que não possa conhecê-la. Sinto-me como se você e eu nos conhecêssemos de toda a vida embora nós tenhamos visto em estranhas ocasiões.

Ela apertou os dentes e pensou em assassinar a seu pai.

– Pouquíssimas – disse ela.

– Vai a Londres?

– Naturalmente – respondeu ela. – irei passar o resto da temporada.

Se ele tivesse um pouco de consciência, saberia que uma noiva despeitada estava desesperada por encontrar outro marido. Exceto se aos vinte e quatro anos já não tivesse esperanças de encontrá-lo, como tinha dito Bethany.

– Apresentarei-as – disse ele tranquilamente. – É francesa, temo-me que tenho debilidade pelas mulheres gaulesas.

– Sim, sabia – disse Emma contendo o desejo de lhe estrangular.

Levantou-se do sofá, pensando só em fugir. É obvio, ele também se levantou.

– Temo-me que tenho uma manhã muito ocupada, lorde Kerr – lhe fez uma reverência. – Se me desculpar…

– Mas é que quero lhe falar mais dela – disse ele, e olhou aos olhos pela primeira vez desde que entrou na sala.

O que viu neles lhe fez ficar quieta como se tivesse criado raízes no tapete.

– É deliciosa, como todas as francesas.

– Certamente – sussurrou Emma.

Ele se aproximava dela e reconheceu o sorriso malicioso e diabólico que iluminava seu rosto. Conhecia-lhe, vá se lhe conhecia.

– Em ocasiões usa o cabelo como você. E é perfeita tanto fazendo o papel de rainha como o de cortesã, se souber você o que quero dizer.

Ela assentiu.

– Mas claro, não deveria falar assim a uma inocente dama inglesa verdade Emelie?

Certamente o que sentia era felicidade. Era um sentimento completamente novo, e tão potente que não podia estar segura. – Você… Quando soube? – Sussurrou.

– Não te ocorreu alguma vez que estava informado de que pintava cenários? Os olhos de Emma se dilataram.

– Soube antes… antes que fossemos ao Hyde Park Theather?

– Havia algo familiar em ti que me irritava e me divertia ao mesmo tempo – agora estava de pé ante ela e de algum jeito lhe tinha pegado as mãos e as tinha levado aos lábios. – E depois me disse que pintava cenários. Querida, é a única mulher em toda a Inglaterra que faz tal coisa. Como pôde pensar que não sabia?

– Ninguém sabe – contra-atacou Emma. – Ninguém sabe que pintei os cenários do senhor Tey.

– Esqueceste-te de minha madrinha a condessa de Bredelbane?

– Oh! – exclamou Emma, recordando todas as cartas que tinham trocado a condessa e ela ao longo dos anos.

– Fez uma implacável campanha para nos levar diante do altar – a estava beijando as Palmas das mãos e lhe começaram a tremer os joelhos outra vez. – De modo que, querida – a olhou, – devo concluir que meus rogos não tiveram êxito?

Avermelhou e negou com a cabeça. Estava-lhe deslizando algo no dedo, um pesado anel que tinha pertencido a seus antepassados.

– Eu gostaria de ter a oportunidade de voltar a tentá-lo – disse ele simplesmente.

Seu sorriso quase lhe produzia dor.

– Outra vez. Uma e outra vez, Emma. De algum modo me apaixonei por ti. Tal como é.

– Não por Emelie? – Perguntou ela, lhe permitindo que a aproximasse mais a ele ainda.

Ele sacudiu a cabeça.

– Foi Emma quem usou a máscara e é Emma quem pinta, e foi Emma a que me enfeitiçou em forma de rainha Titania e é Emma a que me enfeitiça tal como é.

Deu-lhe um apaixonado beijo.

– E, caramba, foi a Emma quem custou um tempo incompreensivelmente longo entrar em contato comigo. Acreditei que ia morrer durante estas duas semanas, Emma. Temi haver te decepcionado e que tinha decidido buscar outro marido.

– Sinto-o – sussurrou ela, lhe percorrendo o lábio com um trêmulo dedo.

– Não volte a fazer isso nunca!

– O que? – Perguntou ela que tinha perdido o fio da conversa.

– Te afastar de mim. Jamais.

– Foi você quem se afastou de mim – indicou ela. – Se sabia por que não veio aqui à manhã seguinte? Por que dançou com uma francesa?

Ele a olhou com seu sorriso inclinado.

– Queria me vingar um pouco. Pelo favor. Verá, resulto-me bastante difícil admitir que tinha perdido o desafio. Mas estava a ponto de vir quando por fim me escreveu.

Só havia uma pequena pergunta que ela tinha que fazer:

– Então não vais querer voltar para a França algum dia?

Ele depositou um beijo em cada uma de suas pálpebras.

– Estou cansado de me lançar da carruagem do Walter. Eu o amava e te amo. E amarei aos filhos que tenhamos, sejam meninos ou meninas. Tenho muita vontade de deixar as rédeas Emma.

– Amo-te – sussurrou ela contra seu pescoço. – Je t'adore.

– Em inglês, Emma. No bom inglês, anglo-saxão passado de moda, amo-te.